



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 20 – nº 75 – junho 2009

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

Ser migrante em tempos de crise

EDITORIAL	2
ITALIANO	3
Gli effetti dalla crisi e alcune risposte possibili	3
La crisi morde anche le briciole: in calo le rimesse dei migranti	5
Il nemico straniero in fabbrica	7
Disabili, donne e stranieri più colpiti dalla recessione	8
Nazioni Unite: immigrati, una risorsa per l'economia mondiale	9
Imprenditoria straniera forza per economia capitale	10
PORTUGUÊS	10
Crise financeira deverá estimular migração, diz relatório da ONU.....	10
Após crise, desemprego alimenta xenofobia e assombra estrangeiros.....	11
Crise internacional frustra sonho brasileiro no Japão	13
Situação de brasileiros demitidos no Japão é grave	14
Crise faz com que brasileiros desistam do 'sonho espanhol'.....	14
Crise econômica faz imigrantes adiarem o sonho americano	15
ENGLISH	17
As the Global Economy Sinks, Tensions Over Immigration Rise.....	17
Stop scapegoating immigrants for the economic crisis: UFCW Canada.....	18
Global Financial Crisis, Poverty, and Migration.....	19
Europe's Immigrants Return Home	20
Economic downturn weighs on Filipino migrant laborers.....	21
Immigration reform tough during crisis, Biden says	22
ESPAÑOL	22
Deportados o sin trabajo	22
La crisis amenaza a los inmigrantes	24
El desempleo en Estados Unidos se centra en negros e hispanos	26
La crisis potencia abusos a migrantes: defensores del trabajador	27
Recesión mundial - Más sufrimiento para migrantes.....	28
Los migrantes traen soluciones	31

EDITORIAL

No século IV, Ambrósio, bispo de Milão, em seu tratado “De Officiis Ministrorum” assim escrevia: “naquele período em Roma as pessoas passavam fome e, como costuma acontecer nessas situações, o povo exigia que os estrangeiros fossem expulsos da cidade”.

Algo análogo está acontecendo na atualidade: diante de uma crise econômica comparável à grande depressão de 1929, os principais prejudicados continuam sendo os mais vulneráveis e, sobretudo, os menos culpados pela conjuntura. *Nihil sub sole novi!*

A crise econômica contemporânea afeta sobretudo os estrangeiros em situação irregular, devido principalmente à precariedade do trabalho. Mas também os migrantes que continuam trabalhando ficam mais vulneráveis, sendo pressionados, ainda mais, a desenvolver silenciosamente atividades perigosas e mal-remuneradas.

A crise repercute-se também na redução das remessas, o que atinge diretamente os familiares e, em sentido mais amplo, o desenvolvimento de países economicamente mais pobres. De acordo com o Banco Mundial, até 2011 haverá mais de um bilhão de pessoas vivendo na pobreza absoluta, com um aumento de cerca de 90 milhões pessoas. A abrupta redução das remessas pode gerar também sérios problemas de ordem social, sobretudo em países em que as remessas dos migrantes geraram situações de dependência.

Nesta conjuntura, são numerosas as notícias de retorno de migrantes para as terras de origem – inclusive migrantes internos, como o caso da China. Se as vantagens econômicas justificavam as numerosas renúncias e conflitos inerentes ao processo migratório, não faz mais sentido continuar sofrendo longe de casa sem possibilidades reais de melhorar de vida. O retorno, todavia, não é algo generalizado: há também quem opta por resistir neste período de crise – inclusive reduzindo ou deixando de enviar remessas – na espera de tempos melhores.

Mas as consequências da crise não são apenas econômicas. Ilvo Diamanti, num texto desta Resenha, apresenta uma interessante reflexão sobre as mudanças de representação social dos migrantes nos países economicamente mais ricos da UE, em decorrência da crise econômica. Fundamentando-se em pesquisas, esse autor sustenta que o migrante deixou de ser percebido, prioritariamente, como uma ameaça à segurança nacional para torna-se um perigo para o emprego dos trabalhadores autóctones. Ao que parece, a questão cultural também está sendo relativizada, pois há reações negativas inclusive pela presença de trabalhadores oriundos de outros países da União Européia e, até, da Europa Ocidental. Alastram-se, em vários países, posturas e sentimentos xenófobos.

Chama a atenção, neste sentido, uma declaração do vice-presidente dos EUA, Joe Biden, de acordo com o qual este período de crise e de desemprego não é favorável para uma reforma da lei migratória que trate da regularização de migrantes em situação irregular. Essa declaração revela que nos EUA também o foco da questão migratória passou da segurança para o trabalho. Além disso, o vice-presidente não esclareceu de que forma a manutenção de cerca de 12 milhões de migrantes irregulares no país vai melhorar o emprego dos cidadãos norte-americanos. Será que, na realidade, Biden queria dizer que a economia estadunidense necessita, neste momento de crise, de um contingente de trabalhadores ainda mais vulnerável, dócil e submisso?

Contrariando estas visões, o Secretário Geral da ONU, Ban Ki-Moon, em ocasião do II Fórum mundial sobre migrações e desenvolvimento tem realçado um aspecto importante: as migrações internacionais não são o problema, e sim a solução. Em primeiro lugar, há vários anos, os empreendedores estrangeiros têm tido um papel econômico expressivo em vários países, sobretudo da UE, contribuindo com uma boa fatia do PIB. Em segundo lugar, os migrantes contribuem para o desenvolvimento dos países de origem, mediante envio de remessas, o que pode reduzir a pressão migratória e, ao mesmo tempo, “aquecer” a economia internacional, além, claramente, de constituir um importante recurso na promoção dos direitos humanos.

Partilha da mesma opinião Eugenio Ambrosi, da OIM, conforme o qual é necessário mudar de paradigma de pensamento, pois “la migración es uno de los agentes más influyentes de la economía porque es un factor que le aporta dinamismo, eficiencia y ayuda para su desarrollo. Por lo tanto, del escenario actual de crisis no se saldrá restringiendo o bloqueando estos grandes movimientos humanos”.

Enfim, lembrando da reflexão inicial de Ambrósio de Milão, a comunidade internacional pode continuar em busca de “bodes expiatórios” a fim de ocultar as reais causas da crise e reduzir – ilusoriamente – a sensação de medo e incerteza que se alastra no meio da população, ou então, pode optar por uma mudança de paradigma, reconhecendo que os migrantes internacionais podem ser um importante instrumento para a superação da atual crise e a construção de um sistema econômico mundial mais seguro, justo, participativo e humano.

ITALIANO

Gli effetti dalla crisi e alcune risposte possibili

di Giuseppe Casucci

La crisi economica e finanziaria che sconvolge le economie del pianeta colpisce duramente la domanda di beni e servizi, quindi la loro produzione ed inevitabilmente il mercato del lavoro.

L’Oil calcola che l’attuale depressione dell’economia mondiale distruggerà – solo nel 2009 - complessivamente 52 milioni di posti di lavoro (e la stima è per difetto), a causa del crollo della domanda in comparti come quello energetico, quello manifatturiero, le costruzioni ed i servizi alla salute. Tutti settori che hanno funzionato negli ultimi anni da calamita per i lavoratori migranti.

Conseguentemente, dicono gli osservatori, gli immigrati sono i primi a pagare un prezzo salato per questa crisi. Secondo alcuni esperti consultati dalla rivista americana Newsweek, il flusso di migranti dal Sud verso il Nord del mondo potrebbe ridursi del 30% già quest’anno. Joseph Chamie, ex capo della divisione “popolazione”, delle Nazioni Unite, ha dichiarato che il flusso in uscita dei migranti caratterizza già la situazione in diversi Paesi, tra cui Spagna, Irlanda, Repubblica Ceca, gli Emirati Arabi Uniti e gli USA, il Giappone, l’India e la Cina. Per l’esperto, che prevede il licenziamento di milioni di migranti in tutto il mondo, “si assiste oggi ad un rovesciamento nelle tendenze migratorie, un fenomeno destinato a durare quanto la crisi.

Sempre secondo l’OIL, la crisi nei settori chiave della produzione mondiale potrebbe portare al dimezzamento del numero di migranti nei settori petroliferi e delle industrie dell’indotto (con la perdita di 7 milioni di posti di lavoro stranieri). In Giappone anche a causa della crisi della Toyota – negli ultimi 4 mesi – decine di migliaia di immigrati brasiliani hanno perso occupazione e casa (in quanto fornita dall’azienda). Una parte di loro è già tornata in patria, altri dormono nelle chiese e nei parchi, e

aspettano che lo Stato gli offra il costoso viaggio di ritorno.

In Malesia, 200 mila lavoratori hanno già perso il lavoro, metà dei quali migranti. Nel frattempo in Cina, circa 20 milioni di contadini stanno ritornando nelle campagne, dopo anni di lavoro in fabbrica in grandi città come Shandong, Dongguan e Shanghai. Un simile fenomeno, raccontano gli esperti OIL, sta accadendo in India dove decine di industrie urbane chiudono i battenti.

E per tornare in Europa, sappiamo di migliaia di migranti marocchini che quest’anno non hanno trovato lavoro nelle campagne della Castiglia ed Andalusia, in quanto gli spagnoli sono tornati a fare il mestiere di raccoglitore d’olive abbandonato da anni. In Irlanda, secondo l’Economic Social Research Institute, 30 mila lavoratori stranieri hanno già lasciato il paese a causa del periodo di depressione dell’economia.

Negli USA, dove oltre 11 milioni di migranti vivono in condizioni di irregolarità, tra il 2000 ed il 2006 circa un milione di messicani l’anno hanno attraversato il confine con l’America. Nel 2008, però, si è già registrata una forte riduzione negli arrivi ed oggi gli esperti predicono un calo del 40% nei nuovi ingressi ed il ritorno a casa di almeno un milione di persone.

Anche da noi in Italia accadono fenomeni simili, anche se finora meno vistosi. Nel triveneto la chiusura di molte piccole e medie aziende, la messa in cassa integrazione, la dislocazione di attività produttive all’estero, hanno colpito duramente l’economia locale e prodotto la perdita del lavoro di migliaia di persone, soprattutto stranieri. La stessa cosa succede in tutte le regioni padane e nello stesso Piemonte colpito duramente dalla crisi della Fiat e del suo indotto. Molti italiani cominciano a riconsiderare la necessità di tornare a fare lavori

abbandonati da tempo, se è vero ad esempio che la domanda di formazione in badantato ha registrato recentemente un boom nelle iscrizioni da parte di italiani in Veneto e Lombardia. Anche nel resto d'Italia, la crisi nella domanda di abitazioni ha prodotto un rallentamento della domanda di lavoro nel settore delle costruzioni, così in settori produttivi ma anche di servizi come il commercio ed il turismo fortemente provati dalla depressione dell'economia.

La conseguenza è visibile anche sul piano dei soldi mandati a casa. Negli ultimi dieci anni, le rimesse mondiali avevano spiccato il volo da 73 miliardi di US\$ al record di 337 miliardi di US\$ nel 2007, sorpassando di gran lunga il volume delle risorse destinate dai paesi ricchi in termini di aiuti allo sviluppo del Terzo Mondo (dati della World Bank). Un aspetto importante se si tiene conto che oggi le rimesse rappresentano il 45% del Pil del Tajikistan, il 38% dell'economia della Moldavia ed il 30% di quella dell'Honduras, per fare alcuni esempi.

Oggi ci sono chiari segnali di un significativo calo delle rimesse. Già nel 2008 il volume globale è sceso a 283 miliardi di US\$. Secondo il FMI nel 2009 il calo potrebbe essere di un ulteriore 30%. L'effetto sulle economie di molti Paesi poveri potrebbe essere devastante perché, assieme alla diminuzione delle rimesse si potrebbero aggiungere migliaia di senza lavoro che ritornano a casa. I governi di Moldavia ed Ucraina paventano già il rischio di collasso delle proprie economie. Lo stesso Messico – che dichiara di ricevere 23 miliardi di US\$ in rimesse l'anno – parla di tsunami economico, visto che esse rappresentano la seconda fonte di moneta estera pregiata.

Non c'è dubbio che la crisi è anche la causa delle maggiori insofferenze verso gli stranieri registrate in molti Paesi ospiti, con un irrigidimento delle normative, la richiesta di sospensione dei flussi d'ingresso (non solo da noi in Italia, ma anche in paesi come Spagna, Inghilterra, ad esempio), fino ad arrivare ad episodi di aperta xenofobia. Il razzismo non è quasi mai un fatto puramente ideologico, ma spesso il prodotto di processi economici e sociali a cui le classi dirigenti non hanno potuto (o voluto) dare risposte per tempo.

E' vero in Italia, dove il governo dell'immigrazione è latitante da sempre, ma è vero anche in Europa. A novembre scorso, un survey realizzato dalla tedesca Marshall Fund – su di un campione rappresentativo di molte migliaia di intervistati – ha dato risultati sorprendenti: l'80% dei cittadini intervistati in Gran Bretagna, Francia, Italia, Germania, Olanda e Polonia, ha richiesto più stretti controlli alle frontiere, mentre il 73% chiedeva sanzioni più dure per i datori di lavoro che

assumevano migranti irregolari. Un survey più recente – citato la scorsa settimana dal Financial Times – riportava che oltre il 70% dei cittadini europei intervistati riteneva giusto il ritorno in patria anche degli immigrati regolari che perderanno il lavoro.

E' certo ingeneroso da parte degli europei chiedere a persone straniere, magari radicate da anni in Europa, di abbandonare di colpo tutto e tornarsene a casa. In effetti la crisi gioca pesante sull'umore e la fiducia nel futuro dei nativi nell'Europa dei 27, e produce anche soluzioni poco praticabili ed in parte illogiche. In effetti, se si guarda al medio lungo periodo, tutti i demografi sono concordi nel dire che l'Europa (ma soprattutto l'Italia) continuerà ad aver bisogno di nuovi immigrati, a causa del declino demografico che – stante le cose continuerà anche nei prossimi decenni. Per mantenere positivo il bilancio demografico in Italia, la richiesta, dicono gli esperti, non sarà inferiore ai 400 mila immigrati l'anno.

Ma intanto nel breve e medio periodo la crisi va in direzione opposta e molte migliaia di immigrati diventano superflui in termini lavorativi. Cosa fare perché la situazione non precipiti in gravi lacerazioni sociali? Questa situazione produrrà molta disoccupazione tra gli italiani e tra gli immigrati. Questi ultimi, a causa dell'attuale legge in vigore, dopo sei mesi dal licenziamento, perderanno anche il diritto a restare in Italia. In parte chi ha famiglia, manderà moglie e figli a casa in attesa di tempi migliori, rimanendo in Italia in condizione di irregolarità.

Molte stime parlano di una cifra di irregolari già vicina al milione di persone, che stante la situazione è destinata ad aumentare velocemente, andando ad ingrossare le fila di quelli impiegati nel sommerso, in una condizione di quasi assenza di diritti. Questa situazione aumenta l'effetto di dumping sociale che una parte così ricattabile della manodopera esercita nel confronto del resto delle forze lavoro. Se non si mette mano a questa situazione, l'insofferenza degli italiani verso l'immigrazione, e gli stessi episodi di xenofobia sono destinati ad aumentare.

Che fare allora? Una prima cosa che la UIL ha proposto è un uso più intelligente degli ammortizzatori sociali anche per gli immigrati, in modo da dare loro la possibilità di rimanere regolari. Questo è possibile anche se si aumenta il periodo di tempo (oggi di sei mesi) che la legge concede loro per trovare un nuovo lavoro legale. Abbiamo proposto di portarlo ad un anno, periodo più congruo a rispondere alle difficoltà di mercato.

Oggi la Lega propone anche il blocco dei flussi d'ingresso. Noi diciamo: è un cattivo segnale perché

consegna totalmente all'irregolarità la chance d'ingresso per lavoro nel nostro Paese. A nostro parere va considerata la necessità di ridurre gli ingressi alle richieste del mercato, senza dimenticare un'altra realtà: l'esercito degli irregolari, privi di diritti, che comunque lavorano in nero accanto a noi.

Non è possibile, noi crediamo rimandarli a casa in massa. Troviamo allora il modo di farli emergere e dare loro una speranza: questo farà bene a loro ma anche alla nostra economia, ed alle finanze dello Stato i termini di tasse e contributi oggi evasi.

Non c'è dubbio, d'altra parte, che bisogna combattere seriamente l'economia sommersa che è il principale fattore di attrazione della migrazione irregolare.

Un'altra proposta potrebbe essere quella di considerare – su base volontaria – la possibilità di un ritorno assistito dell'immigrato nel suo Paese d'origine, magari in attesa che la nostra economia riprenda. Queste proposte – che vengono suggerite oggi anche da partiti della maggioranza di governo - sono state tentate in altri paesi, anche se con scarso successo.

Perché funzioni il meccanismo di ritorno assistito, sono necessarie -a nostro avviso- alcune condizioni:

a) Che abbia una carattere assolutamente volontario e non venga quindi vissuto come un'espulsione;

b) Che venga offerta al migrante una adeguata convenienza economica, senza la quale nessuno lascerebbe il Paese dopo anni di sacrifici;

c) Che gli venga assicurata una corsia preferenziale di ritorno, nel momento in cui i flussi vengono riaperti;

d) Per chi decide di restare nel Paese d'origine, la possibilità di riavere i contributi previdenziali versati, o il godimento di una pensione se ne ha il diritto;

Il tema del governo dell'immigrazione, oggi anche in presenza della crisi, è certamente molto complesso e le soluzioni non sono facili. Non pretendiamo certo di averle noi in tasca, crediamo però che vada aperto un dibattito senza steccati e senza titubanze per la ricerca insieme di soluzioni condivise. In palio c'è la convivenza civile messa sempre più a rischio da una crisi di cui non conosciamo ancora la profondità e gli effetti sulla nostra società multi etnica di oggi e di domani.

Fonte: http://www.stranieriinitalia.it/l_intervento-gli_effetti_dalla_crisi_e_alcune_risposte_possibili_7533.html - 27.03.2009

La crisi morde anche le briciole: in calo le rimesse dei migranti

2mila miliardi di dollari la ricchezza prodotta dal lavoro emigrato. Ma ora diminuisce. L'economia globale trema anche per questo - Gabriella Mercadini - Giuliano Capecehatro

La crescita è andata avanti in tutto il mondo per un decennio, a un ritmo medio del 17%. Il picco si è toccato nel 2007: 337 miliardi di dollari, più o meno 260 miliardi di euro; quasi il doppio rispetto al 2002. Lo scorso anno, una prima battuta d'arresto. Le cifre non sono ancora definitive; ma dovrebbero arrestarsi intorno ai 283 miliardi di dollari, circa 221 miliardi di euro.

Per il 2009 le previsioni tendono ancora al ribasso. Le rimesse dei migranti, cioè i soldi che i lavoratori stranieri spediscono a casa, alle famiglie di origine, dovrebbero scendere tra l'1 e il 6%. Stima che manderà in brodo di giuggiole qualche leghista avvinazzato, ulteriormente inebriato dalle concioni farneticanti dei suoi capi, ma che mettono in allarme gli esperti degli organismi economici internazionali.

Perché questi sanno benissimo che non solo il denaro non ha odore, ma non ha nessun colore di pelle né caratteristica etnica. E quelle rimesse sono un indicatore prezioso dello stato di salute del mondo globalizzato. Se cominciano a calare in

maniera vistosa, stanno avvisando che la situazione è più critica di quanto non si creda. A riprova del fatto che gli ultimi nella scala sociale, gli anelli terminali di una catena di sfruttamento che l'economia globale non ha per niente espunto, sono fondamentali nel mandare avanti il mondo.

Duecento milioni sono i migranti. Una nazione di grandi dimensioni (gli Usa hanno 300 milioni di abitanti, la Russia si ferma a 150 milioni). Ma polverizzata, sparpagliata per il mondo. Duecento milioni di persone che hanno per denominatore comune la lontananza dalle case. Popolo nomade per necessità esistenziale, che si muove sulle rotte del benessere. In una diaspora incessante che li mette in marcia verso l'Eldorado, il mondo sviluppato che con sguardo arcigno, e ricorrenti malvagità, concede loro di raccattare le briciole.

Ma le briciole, messe assieme, sono tutt'altro che un'inezia. Rappresentano, anzi, una quota non disprezzabile della ricchezza mondiale; e giocano un ruolo di rilievo nel complesso, e perverso,

mosaico dell'economia globale. Arrivate a destinazione, danno ossigeno ad una domanda stagnante; vengono usate per l'acquisto di beni primari: cibo, vestiario, farmaci, l'affitto e nei casi più fortunati l'acquisto di una casa; per consentire ai più giovani di andare avanti negli studi; e, quando è possibile, confluiscono in piccoli investimenti. A conti fatti, le rimesse risultano superiori agli aiuti pubblici allo sviluppo (Aps) distribuiti dai paesi industrializzati, che la recessione ridimensiona, e degli investimenti diretti.

Il primo risultato è che diminuisce il numero di quanti vivono sotto la soglia ufficiale della povertà. I riscontri più significativi vengono dall'Uganda, con l'11%, dal Bangladesh, il 6%, e dal Ghana, il 5%. Un meccanismo lapalissiano: le rimesse stimolano una microeconomia che alimenta e irrobustisce macroeconomie depresse. E spesso si stagliano in primissimo piano nella vetrina del Pil, il prodotto interno lordo: nell' Honduras ne rappresentano addirittura il 25%; ad Haiti il 20%; nel Salvador il 18%, e in Bangladesh il 10%.

Nei giorni scorsi, sul quotidiano *Le Monde*, l'economista francese Jean Paul Fitoussi, socialisteggiante ma non certo un barricadero, elencava alcuni aspetti salienti del mondo globalizzato, «oscenità della miseria, esplosione delle ineguaglianze, degrado ambientale» e metteva in discussione «l'autonomia dell'economia» un'«illusione, come la sua capacità di autoregolarsi», di cui è triste testimone «la mondializzazione della povertà».

Duecento milioni vuol dire che un essere umano su trenta è un migrante. Cioè povero al punto che preferisce cambiare aria. Specchio di un «mondo in movimento... nel desiderio di migliorare le proprie condizioni economiche», puntualizzava con buona dose di ovvietà l'Oim (Organizzazione mondiale per le migrazioni) in uno degli ultimi rapporti. Le terre promesse sono quelle in cui riluce il miraggio dell'abbondanza. Gli emirati arabi. Gli Stati Uniti. La Russia del capitalismo selvaggio post-comunista.

E l'Europa. Dove gli immigrati sfiorano i cinquanta milioni, secondo i calcoli della Caritas, vigile e attiva su questo fronte. Tanto da potersi permettere di fare le pulci all'Istat. Che, per il 2007, aveva numerato 3.433.000 immigrati in Italia. Ma il XVIII rapporto Caritas Migrantes innalzava la quota dei regolari a quasi 4 milioni, il 6,7% della popolazione complessiva, perché includeva anche quanti sono in attesa di residenza. Moltissime le donne. Badanti, baby-sitter. Colf. Ingaggiate spesso in nero. Con retribuzioni nettamente inferiori ai livelli contrattuali; la regola non scritta è 500 euro mensili per 25 ore di

lavoro settimanali, che in realtà sono per lo meno il doppio.

Quei quattro milioni ufficiali di immigrati hanno fatto partire per i loro paesi, sempre nel 2007, la bellezza di oltre sei miliardi di euro sotto forma di rimesse. Somma che potrebbe gettare nello sgomento chi veda nei bengalesi, nei romeni, nei cinesi, dei protervi usurpatori di diritti inalienabili. Ma che fa fregare le mani di soddisfazione agli operatori finanziari. Perché quei sei miliardi rappresentano una piccola parte, più o meno un sesto, di quanto gli immigrati producono con il loro lavoro. La prima considerazione è che già nel 2006, è sempre il benemerito rapporto di Caritas Migrantes a fornire l'informazione, quei lavoratori stranieri avevano deposto nelle casse dello stato «3 miliardi e 749 miliardi di euro, dei quali 3,1 miliardi solo per il versamento Irpef». Certo, non riusciranno a tappare le falle aperte dall'evasione fiscale, in cui gli italiani si dimostrano provetti, ma è innegabile che diano una mano provvidenziale a un erario bistrattato.

Al netto delle rimesse, in Italia- e il discorso vale in egual misura per gli altri paesi- resta più dell' 80% di quello che gli immigrati guadagnano. Ripartito tra spese personali, e quindi di sostegno alla domanda, in una misura che si aggira sul 60%, e risparmio, che assorbe all'incirca il 20% dei guadagni; per la felicità delle banche, peraltro subito pronte a fare la faccia feroce quando un lavoratore straniero chiede di aprire i rubinetti del credito.

Trasferite su scala mondiale le percentuali italiane, si arriva a cifre che farebbero rimanere di sasso anche un leghista, per quanto avvinazzato: il reddito mondiale scaturito dal lavoro degli immigrati vola verso i duemila miliardi di dollari. Defalcata la quota destinata alle rimesse, gli immigrati mettono in circolo nei paesi che li ospitano oltre millecinquecento miliardi di dollari. In parole povere, producono ricchezza. E il rassicurante benessere in cui si crogiolavano fino a pochi mesi fa i paesi cosiddetti ricchi poggia in non piccola parte sulle loro spalle.

Paesi ricchi che mai si mostrano generosi. Anzi, considerano anche le rimesse una ghiotta occasione di business. Mandare denaro a casa costa. Le tariffe applicate dalle varie agenzie di money transfer, il trasferimento di soldi da paese a paese, certo in nome delle superiori leggi della domanda e dell'offerta, sono decisamente esose. Né le banche ci vanno leggere con i costi dei bonifici.

E mentre i paesi benestanti si affannano ad elevare barriere sempre più impervie, prospera l'industria fiorita sulla migrazione clandestina. Il rapporto del 2003 dell'Oim aveva stabilito in 10 miliardi di dollari il giro d'affari dello smuggling, le organizzazioni

illegali che si occupano di trasportare nel mondo decine e decine di migliaia di braccia, a parole indesiderate. Facile immaginare che, nel tempo trascorso, la cifra si sia almeno quintuplicata. Con l'ausilio determinante di isteriche politiche restrittive.

Il vento della crisi, però, soffia anche sul popolo dei migranti. Riduce le loro possibilità, almeno quelle che passano per i canali ufficiali. Le rimesse cominciano a contrarsi. In qualche paese si avvertono i primi scricchiolii. Nel dicembre scorso, il Messico ha dovuto registrare una riduzione di afflussi monetari del 10%. Il Guatemala, i dati valgono per l'ultimo trimestre del 2008, dell'8%.

I primi ad entrare in agitazione sono proprio i paesi sviluppati. In una recente riunione del Cnuced (Conferenza delle Nazioni unite sul commercio e lo sviluppo) si sono adombrate «conseguenze gravi» al restringimento delle rimesse. Un balzo in avanti dei livelli di povertà, depressioni economiche a catena per la caduta del consumo dei generi di prima necessità. A dicembre, da Bruxelles, è stata varata sotto la bandiera della Fiera delle conoscenze un'azione congiunta tra Unione

europea e Nazioni unite di lotta contro la miseria nei paesi poveri. E tutti inneggiano alle rimesse, fattore stragico in una prospettiva di sviluppo.

Ancora Fitoussi. Che propugnava la necessità di «restituire etica al capitalismo», dando più spazio alla volontà politica e regolando i mercati. Certo l'etica, quando ci sia, fa sempre bene. Resta il dubbio se sia compatibile col meccanismo stesso del capitalismo. L'irriducibile nocciolo competitivo. Che sembra generare naturalmente ineguaglianze, ingiustizie. Stranieri. Migranti. E conferma la drammatica attualità non solo di certe analisi di Karl Marx, ma anche delle parole di un pretaccio brutto e cattivo, don Lorenzo Milani, che tra i primi avvertì il vento del '68 e proclamava: «Se voi avete il diritto di dividere il mondo in italiani e stranieri allora io reclamo il diritto di dividere il mondo in diseredati e oppressi da un lato, privilegiati e oppressori dall'altro. Gli uni sono la mia patria, gli altri i miei stranieri».

Fonte: www.dirittiglobali.it/articolo.php?id_news=11320 - 11.03.2009

Il nemico straniero in fabbrica

La protesta esplosa in Gran Bretagna contro l'arrivo di 300 lavoratori italiani impiegati nella costruzione di una raffineria è inquietante ma, al tempo stesso, istruttiva. Serve, infatti, a mettere in luce - e a nudo - alcuni effetti della trasformazione globale e sociale, in tempi di crisi. A partire da un aspetto che si tende a svalutare o a leggere con le lenti dell'ideologia. Ogni mutamento demografico e sociale improvviso nel mondo locale e nella vita quotidiana suscita reazioni. Si tratti di flussi di emigranti di ingenti dimensioni, spinti dalla miseria e dalla paura; oppure di gruppi di lavoratori di entità limitata e con compiti definiti, non importa: appaiono, comunque, stranieri. Entrano "a casa nostra". Interferiscono con le nostre abitudini, le nostre regole, i nostri equilibri. Incrinano le nostre certezze. Questa considerazione non vale solo per l'Italia, che ha conosciuto solo da pochi anni il fenomeno dell'immigrazione, dopo essere stata per un secolo paese di grandi emigrazioni. Come mostrano le indagini internazionali, l'immigrazione - ogni immigrazione, anche temporanea, anche di ridotte proporzioni - agisce come una sorta di "diagnostica" del sentimento sociale e del modello istituzionale. Dovunque. Ne mette, cioè, in evidenza i limiti, le tensioni. Per cui, in Gran Bretagna, paese multietnico e multiculturale di tradizione lunga e consolidata, l'immigrazione solleva un allarme

sociale molto limitato dal punto di vista dell'identità e della sicurezza. Mentre genera ansia per gli effetti sul lavoro e sulla disoccupazione. Basta osservare i dati dell'indagine europea, condotta (da un decennio) da Demos per Intesasanpaolo. Quasi una persona su due, in GB, considera gli immigrati "una minaccia per l'occupazione". Il dato più elevato fra i paesi occidentali della Ue; superato largamente da quelli dell'Europa centro-orientale: Cechia, Polonia, Ungheria (ma non Romania). Dove il lavoro "manuale" è vissuto come risorsa scarsa e a rischio. La protesta dei lavoratori inglesi (nel Nord, l'area economicamente più debole del paese) non deve, quindi, sorprendere. Ma allarmarci sì. Perché dimostra come la crisi stia drammatizzando la paura. Al punto da trasformare 300 lavoratori italiani in un contingente di "nemici". Peraltro, in Italia il colore della paura sollevato dagli immigrati, fino a ieri, è apparso diverso. Segnato dall'insicurezza. Ancora un anno fa, il 50% degli italiani ritenevano l'immigrazione un problema per l'ordine pubblico. Una fonte di preoccupazione per la sicurezza personale e domestica. Soprattutto nelle regioni del Nord e nel Nordest. Dove, invece, gli immigrati non hanno mai generato particolari timori per l'occupazione. D'altra parte, si tratta di aree ad altissimo sviluppo, con tassi di disoccupazione molto bassi. La struttura produttiva, imperniata su

piccole e piccolissime imprese manifatturiere, si è allargata, negli ultimi anni, solo grazie al lavoro degli immigrati, occupati nelle mansioni più faticose e meno remunerate. Progressivamente abbandonate dagli italiani e soprattutto dai giovani. Così la presenza degli stranieri è stata accolta come una "necessità" per lo sviluppo, ma, al tempo stesso, come un "problema" di sicurezza. Gli stranieri: utili, anzi utensili. Da restituire ai proprietari - i paesi d'origine - dopo l'uso. Molto presto, possibilmente. Fino a ieri, però. Perché da qualche tempo il clima d'opinione è cambiato anche in Italia. Anche nel Nord. Anche nel Nordest. L'abbiamo già segnalato altre volte, nei mesi scorsi. In poco tempo la quota di italiani che considera gli immigrati una minaccia per l'ordine pubblico e per la sicurezza dei cittadini è caduta: dal 53% al 35% (Demos-Unipolis, novembre 2008). Una componente ampia, ma molto più ridotta rispetto all'anno precedente. A causa della fine della guerra elettorale, amplificata dai media. Visto che lo spazio attribuito alla criminalità comune e alle illegalità commesse dagli immigrati si è ridotto notevolmente, nell'informazione tivù (come ha messo in luce un'indagine dell'Osservatorio di Pavia). Tuttavia, l'allentarsi della leva politica e mediatica non è l'unica spiegazione di questo cambiamento d'umore. Molto ha pesato, al proposito, la crisi economica e finanziaria internazionale, che ha colpito anche l'Italia. Tanto che 1 persona su 10 oggi (dicembre 2008) sostiene che qualcuno, nella sua famiglia, ha perduto il lavoro oppure è in cassa integrazione. E oltre metà degli italiani afferma che la crisi in atto ha peggiorato la sua condizione e il suo stato d'animo. La crisi. Ha cambiato in fretta gli italiani. Ne ha modificato comportamenti, atteggiamenti, stili di vita. I sentimenti. Così, rispetto a ieri, gli immigrati sono percepiti meno come una minaccia alla persona, alla proprietà, al domicilio. E assai di più:

al lavoro, all'occupazione. Si tratta di una tendenza che comincia a divenire evidente nei sondaggi. Anche se non appare ancora lacerante. Lo potrebbe divenire se le - diffuse e crescenti - difficoltà che attraversano il sistema industriale nel Nord si drammatizzassero ulteriormente. Se, d'altra parte, gli immigrati "pretendessero" di entrare nel mercato del lavoro più qualificato, senza rassegnarsi alle mansioni più povere e marginali. D'altra parte, qualche sofferenza, al proposito, è rivelata dalla proposta leghista di una imposta di fidejussione agli immigrati che intendano avviare attività imprenditoriali. Quasi un messaggio protezionista rivolto al popolo delle partite Iva del Nord, base elettorale della Lega. La "rivolta" inglese contro i lavoratori italiani, per questo, risulta esemplare e, a modo suo, educativa. Rammenta che la storia non è scritta una volta per tutte, ma può ripetersi. Anche se non si presenta mai uguale a prima. Semmai, con segno contrario. I romeni, gli albanesi e i marocchini potrebbero, quindi, cambiare immagine ai nostri occhi. Non più violentatori, ladri e spacciatori (potenziali). Ma, piuttosto, concorrenti (reali) sul mercato del lavoro. Non più specchio dell'inquietudine post-materialista, tipica di una società del benessere. Ma delle angosce prodotte da timori "materiali", tipici di una società del malessere (economico). Il reddito e la disoccupazione. Lo stesso, d'altra parte, sta capitando - è capitato - anche a noi. Accolti, fuori dai nostri confini, con diffidenza e ostilità. Come in passato. Ma per motivi opposti. Ieri, ci temevano perché eravamo emigranti poveri, senza lavoro. Oltreoceano. (I poveri fanno sempre paura). Oggi, invece, oltremare, temono gli italiani perché li considerano "ladri di lavoro". - Ilvo Diamanti

Fonte:

<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2009/02/01/il-nemico-straniero-in-fabbrica.html> - 01.02.2009

Disabili, donne e stranieri più colpiti dalla recessione

In un anno 51 mila avviamenti al lavoro in meno. Le categorie deboli: gli immigrati assunti con contratti interinali e le donne italiane

di MARINA CASSI

TORINO: E' come se l'intera città di Moncalieri sparisse. In un anno in Piemonte gli avviamenti al lavoro sono stati 51.406 in meno. Un mare di destini personali che si sono scontrati con la crisi: la flessione c'è stata confrontando il periodo tra l'ottobre 2007 e il febbraio 2008 con l'ottobre dello scorso anno - quando la recessione è diventata realtà - e il febbraio di quest'anno. Sembra che il lavoro si sia ritirato come una bassa marea e

ancora arretra visto che dai 66.900 avviamenti di gennaio già si è scesi ai 43.900 di febbraio.

Ma, come sempre accade, non tutti rimangono impigliati negli ami della crisi nello stesso modo. Ci sono i sommersi, ci sono i salvati e spesso la linea di frattura è del tutto casuale: dipende dal contratto con cui si è stato assunto, dal sesso, dalle condizioni fisiche.

Il direttore dell'Agenzia Piemonte lavoro, Aldo Dutto, non ha dubbi: «Pagano di più i disabili i cui avviamenti sono calati del 35 per cento; gli stranieri perché in prevalenza vengono assunti con contratti interinali e le donne, ma non le straniere perché sono quelle impiegate nei lavori di cura e, malgrado la crisi, della badante le famiglie hanno sempre bisogno».

La botta peggiore negli avviamenti è stata ovviamente nella provincia di Torino con un calo del 17,8% contro una media regionale del meno 15. Ha fatto peggio solo il Verbano-Cusio-Ossola con il 18,9. Sono i territori della manifattura classica a andar male perché le cadute peggiori negli avviamenti sono nella metalmeccanica con un meno 36%, nei servizi alle imprese con meno 28, i trasporti con meno 26.

Poi ci sono anche comparti che vivacchiano: l'alimentare flette «solo» del 14%, alberghi e ristoranti del 10, il commercio del 7. C'è addirittura chi sale, come sanità e assistenza in avanzamento del 4%. Malissimo, invece, il settore pubblico dell'istruzione in caduta del 30.

I numeri rivelano la debolezza delle persone: gli avviamenti interinali sono precipitati del 40%. Detto così significa poco, ma in realtà vuol dire che i tanti, soprattutto giovani, che per anni sono passati da un contratto interinale a un altro adesso sono fermi.

E entrano meno - del 28% - in fabbriche e uffici anche gli apprendisti e del 22% i contratti atipici. La crisi verticale degli interinali si scarica con più forza sugli stranieri, in particolare sui maschi. Dice Dutto: «La flessione in questo caso è del 42%. Erano impiegate in lavori pesanti nell'industria e nell'edilizia e adesso faticano e non poco a trovare altri posti».

Il blocco degli avviamenti flessibili ha come conseguenza un dato apparentemente contraddittorio, frutto delle torsioni di un mercato del lavoro dominato dalla precarietà: le cessazioni dei rapporti di lavoro non sono cresciute malgrado il peggiorare della crisi.

Dutto spiega: «Meno avviamenti interinali, che erano numerosissimi per tempi brevi, significa meno cessazioni». Ma tra le cessazioni sono salite del 121% i licenziamenti e addirittura del 178% quelli individuali. Per Dutto «si tratta di addetti di piccole e medie imprese».

Sono quelli delle aziende sotto i 15 dipendenti che in maggioranza hanno ammortizzatori sociali ridotti al minimo. L'assessore regionale al lavoro, Angela Migliasso, commenta amaramente: «Sono sempre i più deboli a pagare, quelli che non hanno tutele e intanto si continua ad attendere il decreto del governo sugli ammortizzatori sociali».

Fonte: www.lastampa.it/Torino - 18.03.2009

Nazioni Unite: immigrati, una risorsa per l'economia mondiale

di Santosh Digal

Lo sottolinea il segretario generale Onu Ban Ki-Moon a Manila, in occasione del secondo forum mondiale sulla migrazione e lo sviluppo. Dalla Chiesa cattolica il monito a rispettarne "i diritti e la dignità" e a sviluppare "progetti condivisi" che siano di aiuto "agli immigrati e alle loro famiglie".

Manila (AsiaNews) – In un periodo di "recessione mondiale", i migranti non devono essere visti come "una minaccia", quanto piuttosto una "risorsa per uscire dalla crisi". È quanto afferma il segretario generale delle Nazioni Unite, Ban Ki-Moon, ai delegati presenti al secondo Forum mondiale sulla migrazione e lo sviluppo (Gfmd). Il summit, in programma a Manila dal 27 al 30 ottobre, vede la partecipazione di almeno 800 delegati in rappresentanza di 163 nazioni.

Questa mattina una coalizione formata da 241 realtà, fra le quali la Chiesa cattolica filippina, ha sottoscritto una iniziativa chiamata People's Global Action che presenterà al sottosegretario filippino agli esteri, con delega ai lavoratori migranti, Esteban Conejos Jr. Il comunicato in cui viene illustrato il progetto è stato redatto dopo una due giorni di lavori sulla "questione dei migranti"; in esso si chiede ai

governi di sviluppare politiche che promuovano "i diritti umani dei migranti" e "utilizzano il forum per fissare criteri di tutela" attraverso l'Organizzazione internazionale del lavoro e le altre agenzie che fanno riferimento all'Onu.

I partecipanti all'iniziativa specificano che il documento non ha valore vincolante per i governi e le Nazioni Unite, ma fornisce indicazioni utili per affrontare il problema. P. Edwin D. Corros, segretario esecutivo della Commissione episcopale per la cura pastorale dei migranti (Ecmi-Cbcp), spiega il lavoro della Chiesa cattolica: "Se il Forum darà vita a politiche volte a tutelare i migranti – afferma p. Edwin – questo è conseguenza anche del lavoro svolto dalla Chiesa, che si è sempre battuta in prima persona nella difesa dei loro diritti, premessa indispensabile per il loro sviluppo".

Illustrando l'importanza del Forum in programma in questi giorni a Manila per la "missione della Chiesa in Asia", p. Corros sottolinea come "il problema dell'immigrazione sia un fenomeno di scala mondiale", anche all'interno del continente asiatico. "A causa della disparità di risorse economiche, finanziarie e della situazione politica di alcuni Paesi – aggiunge il religioso – gli asiatici si stanno spostando da una nazione all'altra" ed è necessario promuovere politiche che li aiutino e ne tutelino la dignità. Pur non aspettandosi grandi risposte dal Forum, egli ribadisce che l'opera promossa dalla Chiesa può servire a "smuovere le coscienze" e dar vita a "soluzioni condivise" nell'interesse "dell'umanità intera", con un particolare riferimento "agli immigrati e alle loro famiglie".

Il problema dei lavoratori immigrati è stato anche al centro dell'incontro fra Benedetto XVI e il nuovo

ambasciatore filippino presso la Santa Sede, la signora Cristina Castañer-Ponce Enrile, ricevuta lo scorso 27 ottobre per la presentazione delle credenziali. Nell'ambito della preoccupazione per il bene sociale, il Papa ha fatto riferimento all'attenzione che Manila pone nei confronti dei cittadini emigrati, spiegando che l'immigrazione è "una risorsa per lo sviluppo". "I leader dei governi – ha aggiunto Benedetto XVI – debbono fronteggiare numerose sfide quando si impegnano ad assicurare l'integrazione degli immigrati nella società, in modo che sia riconosciuta la loro dignità umana e sia loro offerta l'opportunità di guadagnarsi una vita decente, con un tempo adeguato per il riposo e la dovuta previsione per la possibilità di pregare".

Fonte: <http://www.asianews.it/index.php?l=it&art=13614> - 29.10.2008

Imprenditoria straniera forza per economia capitale

Cna World: "gli stranieri sono una componente fondamentale per il tessuto sociale ed economico"

ROMA - I dati diffusi dalla Fondazione Ethnoland dimostrano che c'è un'imprenditoria straniera a Roma che contribuisce ogni giorno allo sviluppo del nostro territorio e alla crescita dell'occupazione. "Deve farci riflettere - dice Lorenzo Tagliavanti, Direttore della Cna di Roma che da tempo ha costituito Cna World, un'apposita articolazione del proprio sistema associativo che offre rappresentanza e servizi al mondo dell'imprenditoria straniera - che proprio nella Capitale è concentrato il numero più alto di imprese straniere, che generano una ricaduta occupazionale per oltre 50 mila persone. Purtroppo in queste ultime settimane si è parlato di immigrazione solo alla luce dei fatti di cronaca, ma c'è invece un altro volto di immigrazione, quella che rappresenta un valore aggiunto per la nostra economia e la crescita del Pil".

Secondo quanto riportato dal dossier, infatti, sono oltre 15 mila le imprese di stranieri presenti a Roma, e in un anno sono aumentate del 21,6%, un numero al di sopra della media nazionale. "Gli stranieri sono una componente fondamentale per il tessuto sociale ed economico - continua Tagliavanti - costituita sempre di più da coloro che realizzano le proprie aspirazioni avviando un'attività in proprio e che spesso più di altri devono affrontare le varie problematiche legate all'accesso al credito e alla burocrazia".

Un processo di emancipazione e sviluppo in rapida ascesa che consente riscatti e dinamismi sociali di indubbia importanza e che la Cna, attraverso la Cna World che ad oggi associa 1.000 imprese straniere, si augura possano contribuire alla creazione di una moderna società multietnica.

Fonte: www.stranieriinitalia.it - 25.02.2009

PORTUGUÊS

Crise financeira deverá estimular migração, diz relatório da ONU

Estudo das Nações Unidas aponta que crise financeira deverá fomentar movimento migratório mundial. Alemanha foi o país que mais recebeu imigrantes na Europa, informa Organização Internacional de Migrações (OIM).

Segundo o relatório sobre as migrações mundiais da ONU, apresentado nesta terça-feira (02/12) em Genebra, existem atualmente mais de 200 milhões

de migrantes em todo o mundo. Com mais de 10 milhões de migrantes em 2005, a Alemanha é o

país da Europa em que mais vivem imigrantes no continente.

O informe da Organização Internacional de Migrações (OIM) destacou "que o movimento de pessoas dentro e através de fronteiras se efetua com vistas a satisfazer os desafios sócio-econômicos que a globalização traz consigo e que fazem com que a busca de trabalho propicie a maioria dos movimentos observados neste século".

O relatório apontou ainda que a atual crise financeira mundial deverá estimular novas ondas migratórias e que as tendências demográficas assinalam que, sem a imigração, a população em idade ativa dos países desenvolvidos diminuirá em 23% até 2050.

Mobilidade humana em escala sem precedentes

Mesmo em tempos de crise, migrantes são necessários, disse Appave. A OIM informou que o número de migrantes internacionais é hoje 2,5 vezes maior que em 1965 e que a maioria dos países são, simultaneamente, países de origem, de trânsito e de destino de migrantes. Gervais Appave, um dos editores do relatório, informou que a livre circulação de capitais, bens e serviços, proporcionada no século passado para o fomento da economia mundial, teve como consequência inevitável a mobilidade humana numa escala mundial sem precedentes.

Entre 1960 e 2005, cerca de 1,6 milhão de pessoas emigraram anualmente para países desenvolvidos, segundo o relatório. A OIM avalia que, entre 2005 e 2010, este número se elevará para 2,5 milhões por ano. Daí até 2050, 2,3 milhões de indivíduos emigrarão anualmente para países industrializados, segundo os cálculos da organização. A Europa é o continente onde mora o maior número de migrantes no mundo (70,6 milhões), seguida da América do Norte (45,1 milhões) e da Ásia (25,3 milhões). A maioria dos migrantes veio do continente asiático.

Pressão migratória em países industrializados

O informe previu também que, nas próximas quatro décadas, a pressão migratória continuará aumentando nos países industrializados, que carecem hoje não somente de mão-de-obra especializada, mas também de imigrantes pouco ou semiquilificados – para agricultura, construção e

trabalhos domésticos – necessários, mas geralmente mal aceitos, explicou a OIM.

O desequilíbrio na oferta mundial de mão-de-obra deverá piorar, assinalou o relatório. A queda do índice de natalidade e do número de pessoas em idade ativa fará com que, nos próximos 50 anos, o número de indivíduos com mais de 60 anos seja o dobro do de crianças nos países industrializados.

Por outro lado, a população ativa da África triplicará – de 408 milhões para 1,12 bilhão – até 2050. Segundo a OIM, outro estudo apontou que China e Índia constituirão, provavelmente, 40% da força laboral mundial em 2030. Mundialmente, a proporção de trabalhadores estrangeiros está por volta dos 3%. Nos países do Golfo Pérsico, essa taxa se eleva para mais de 40%. Com exceção da África, Ásia e Oriente Médio, a maioria dos migrantes em quase todas as partes do planeta é constituída por mulheres, informou a organização da ONU.

Políticas de migração planejadas, flexíveis e abertas

Quanto à atual crise financeira, o relatório informou que ela levará, provavelmente, a novos movimentos migratórios. Espera-se, primeiramente, que trabalhadores emigrados retornem ao seu país de origem, porque perderam seus empregos. Quando a economia se recuperar, uma nova onda de migrantes partirá para países que oferecerem trabalho.

O relatório afirmou ainda que o desafio, para países desenvolvidos conscientes, estaria em adotar políticas de migração laboral planejadas, flexíveis e abertas para assegurar uma oferta segura, legal e humana para os migrantes e seus familiares.

Ao apresentar o relatório, Gervais Appave concluiu dizendo que "estes tipos de políticas são particularmente importantes durante crises econômicas mundiais como a atual. A crise financeira da Ásia dos anos 90 demonstrou que, inclusive em épocas de dificuldades econômicas, existe uma necessidade estrutural de migrantes. Por conseguinte, o mundo não tem escapatória".

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,3843397,00.html> - 02.12.2008

Após crise, desemprego alimenta xenofobia e assombra estrangeiros

Marsílea Gombata, Jornal do Brasil

A crise global tem se apresentado custosa não só aos Tesouros nacionais. Embates sociais e

xenofobia crescente marcam o momento da História em países da Ásia, América e Europa.

Como em um filme já visto, o desemprego entre nativos leva-os a disputar vagas antes de imigrantes, alimenta rivalidades e nacionalismos exacerbados.

Palco de intensos protestos nas últimas semanas, o Reino Unido assistiu a centenas de britânicos carregarem placas dizendo “empregos do Reino Unido para trabalhadores britânicos” e a entrarem em greve em uma refinaria cujos postos eram ocupados por italianos e portugueses. Sindicatos protestaram contra o governo, dizendo que nativos estavam sendo minados por estrangeiros com salários mais baixos.

– As reações contra os trabalhadores estrangeiros ainda são pequenas, mas a tendência é aumentar – prevê Gabriela Boeing, da Organização para Migração Internacional, em Londres. – Com a crise e a decorrente diminuição de vagas, há pressão para que o governo proteja empregos dos nativos. No Reino Unido, que sempre defendeu o movimento de cidadãos europeus, as coisas estão mudando. Tem sido comum em pesquisas ver “imigrantes roubam nossos empregos”. É mais fácil culpar estrangeiros do que a política econômica.

Secretário-geral da Solidarity Trade Union, do Reino Unido, Patrick Harrington explica que, apesar do conflito com trabalhadores estrangeiros, a “maior raiva é contra governo e empresários”:

– É preciso escutar as demandas dos trabalhadores – explica. – Se não mudar, ações serão intensificadas.

Gabriela conta que o Reino Unido já está criando leis mais duras para controlar a imigração e, segundo dados do Departamento do Trabalho e Pensão, nos últimos três anos houve um aumento de 1,6 milhão para 2,32 milhões de trabalhadores estrangeiros no país.

Na Espanha, onde o desemprego chega a quase 16%, os estrangeiros têm sofrido mais.

– Por trabalharem com menos garantias, ficam na front do desemprego – explica Ivan Briscoe, do Centro de Pesquisa para a Paz, Fundação para as Relações Internacionais e o Diálogo Externo, na Espanha. – A tendência é a escalada de ressentimentos sociais entre os pobres: nativos e imigrantes.

Trabalhos que vinham sendo feitos por imigrantes – como serviços domésticos, de limpeza, construção civil, agricultura – são cada vez mais disputados por espanhóis.

O governo também está tomando medidas para diminuir o número de estrangeiros oferecendo

pacote de retorno voluntário, com adiantamento do seguro desemprego.

Briscoe explica que, na Europa, há três situações distintas de países em crise. Pequenos como Lituânia, Letônia e Estônia encontram-se sob forte redução econômica e, ao lado de Islândia e Irlanda, têm tido tensão social. Em uma segunda categoria, Bulgária, Grécia e Itália, com falta de oportunidades. E, por fim, Espanha, França, Reino Unido – e Alemanha possivelmente – assistiram ao crescimento de imigrantes e sofrem o que Briscoe chama de “crise de expectativa”, com desestabilização.

Na própria Alemanha, onde imigrantes representam importante parcela da mão-de-obra em vista do envelhecimento da população, “a crise aumentará a xenofobia se durar e terá repercussões”, crê Udo Ludwing, do Instituto de Pesquisa Econômica de Halle.

– A crise reativa problemas deste tipo que têm sido uma constante histórica que certamente trarão mais manifestações sociais – prevê o peruano Danilo Martuccelli, da Universidade Lille 3, na França. – As situações não diferirão apenas por fatores econômicos, mas pela política, como a existência ou não de um partido populista.

Nesse contexto, direitas radicais podem se fortalecer e ter maior autoridade, além de se concentrar em bodes expiatórios sob a crise.

Além

Na China, trabalhadores imigrantes estão perdendo postos mais rapidamente que o esperado. Setores de construção, estaleiros e indústrias manufatureiras buscam manter o quadro de funcionários cada vez mais enxuto em Cingapura. No Japão, há três meses a crise fez renascer o preconceito contra grupos de imigrantes, em especial os brasileiros.

Na Rússia, os 40% dos empregados no setor de construção civil são, em sua maioria, provenientes de ex-países da União Soviética que temem ser demitidos.

– Para a Rússia é ainda pior, pois o nível desse tipo de preconceito é alto, e leva ao crescimento de grupos violentos sem uma ação contrária do governo – explica Alexander Verkhovsky, do Sova, organização contra a xenofobia em Moscou.

Nos EUA, a recessão se mostra um alibi para ativistas e parlamentares na luta contra a imigração.

Crise internacional frustra sonho brasileiro no Japão

Segundo agências brasileiras, número de trabalhadores retornando ao Brasil aumentou em até 15 vezes

A crise econômica internacional está acabando com o sonho de milhares de brasileiros que buscavam no Japão uma vida melhor. Os chamados decasségus, brasileiros que se fixam temporariamente no Japão para trabalhar, geralmente nas indústrias, atraídos por bons salários, estão voltando em massa para o Brasil.

Não há números exatos sobre o número de brasileiros que voltaram nos últimos meses. No entanto, as agências brasileiras especializadas na recolocação profissional de decasségus no país acusam um aumento de até 15 vezes no volume de retornados em fevereiro, em comparação com maio de 2008.

"Em comparação há meses, hoje a volta está 15 vezes maior. A situação vem se agravando desde 1999, com a crise asiática. No Japão, uma crise imobiliária já atingiu o país na década de 90", lembrou o consultor Renato Botuen, da Redeplan Alianças Estratégicas, agência especializada em encontrar emprego no Brasil para os decasségus que desistiram da vida no Japão.

Estima-se que hoje 320 mil brasileiros ainda trabalhem no Japão. Aproximadamente 180 mil retornaram nos últimos anos, mas os brasileiros lá residentes são a terceira maior comunidade estrangeira no país. No entanto, a mudança de novos brasileiros para o Japão diminuiu abruptamente nos últimos meses.

"Nos primeiros meses da crise, de setembro a dezembro, caiu consideravelmente o embarque de brasileiros para o Japão, mais da metade do movimento. E, de janeiro para cá, o movimento quase zerou. Em dezembro, foram dois passageiros. Em janeiro e fevereiro, não foi nenhum. Não temos perspectiva de mandar ninguém por enquanto", afirma Fábio Makoto Date, diretor da agência Shikoto, sediada em São Paulo, que levava brasileiros para trabalhar em empresas japonesas.

Os decasségus, normalmente paulistas (60% saem de São Paulo, grande parte é oriunda do Paraná e há pequenos contingentes de Mato Grosso e do Pará) enfrentavam vida difícil no Japão, apesar dos bons salários. Recompensados por horas extras, os brasileiros chegavam a trabalhar 12 horas por dia, com apenas uma folga semanal, em dia não definido.

Segundo Makoto, diminuiu muito o trabalho dos decasségus, que, antes da crise, faziam muitas horas extras. "Quando se fala em ganhar dinheiro

no Japão, a pessoa tem de abrir mão de muita coisa e trabalhar muito. Como caiu a produção no Japão, a primeira coisa que caiu foram as horas extras. Se não fizer hora extra, não guarda dinheiro. As pessoas que ainda estão empregadas, praticamente estão somente sobrevivendo no Japão", relata Makoto.

Nelson Tanigushi, operador de máquinas de bordar, retornou ao Brasil no início de 2009, depois de trabalhar mais de dois anos no Japão. Ele recebia cerca de R\$ 30 por hora, mas, com a piora da situação japonesa, foi um dos primeiros demitidos da empresa em que era empregado.

"Eu me senti um pouco frustrado, porque a gente se dedica e acontece uma crise dessa e nós somos os primeiros eliminados. Mas, me arrepender, eu digo que não: acho que valeu como experiência. Profissionalmente me arrependo, quando você volta ao país e tenta se integrar na vida profissional no país é muito difícil", ressalta Tanigushi.

Os brasileiros e demais estrangeiros que trabalham no Japão têm situação trabalhista bastante vulnerável. Com poucos direitos, são os primeiros a serem cortados ao primeiro sinal de crise. "Não existe nenhum direito trabalhista resguardado para estrangeiros, devido ao fato de os brasileiros trabalharem para as empreiteiras [que contratam estrangeiros e terceirizam o trabalho nas empresas japonesas] dentro das fábricas, como na própria Toyota", destaca Makoto.

Ele explica que o funcionário da empreiteira não é, por exemplo, funcionário da Toyota. "Não tem nenhum vínculo empregatício com a Toyota. Então, em vez de cortar um funcionário de dentro da empresa e ter de pagar todos os direitos trabalhistas dele, eles vão optar por cortar os brasileiros e os outros estrangeiros."

Os governos brasileiro e japonês estão buscando alternativas para os decasségus que estão passando dificuldades no Japão. "Como os japoneses, os brasileiros no Japão têm dificuldades: Alguns perderam seus empregos, alguns perderam sua moradia. Então, estamos tentando apoiar os brasileiros na busca do novo emprego e também da nova moradia, na educação de seus filhos", afirma o ministro Tatsuo Arai, da Embaixada do Japão no Brasil.

Situação de brasileiros demitidos no Japão é grave

É o que disse o ministro do Trabalho e Emprego Carlos Lupi, que prometeu ajuda do governo

O ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, manifestou hoje (17) preocupação com os trabalhadores brasileiros que ficaram desempregados no Japão, por causa da crise financeira mundial. A situação deles é grave e gera uma preocupação grande, afirmou Lupi, ao visitar fábricas do Pólo Industrial de Manaus.

"Durante muitos anos, o Japão abrigou milhares de brasileiros, mas agora temos que ver a situação de quem está por lá e ficou desempregado e também dos que querem voltar ao Brasil. Temos que ver que tipo de ação o governo pode ter para readaptá-los à sua origem", disse o ministro.

Lupi informou que, ainda no primeiro semestre deste ano, os brasileiros que vivem no Japão poderão contar com a ajuda da Casa do Trabalhador Brasileiro, que ele próprio vai inaugurar.

Segundo ele, a instituição dará qualificação aos trabalhadores brasileiros que queiram continuar sua vida profissional no Japão e garantirá as condições necessárias aos que pretendem voltar para o Brasil. "Não podemos deixar, em qualquer parte do mundo, que nossos irmãos brasileiros fiquem sem amparo", ressaltou.

Segundo dados do Ministério do Trabalho, as demissões em massa no Japão atingem milhares de pessoas, entre elas, centenas de brasileiros. A crise econômica mundial é o elemento desencadeador das dispensas. Aproximadamente 170 mil brasileiros atuam no Japão com contrato de trabalho temporário ou terceirizado.

Fonte: <http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Brasil/Situacao-de-brasileiros-demitidos-no-Japao-e-grave> - 18.02.2009

Crise faz com que brasileiros desistam do 'sonho espanhol'

Com o índice de desemprego em 17,36% na Espanha, aumenta número de brasileiros procurando ajuda para voltar para casa.

A crise econômica e o alto índice de desemprego - que em abril chegou a 17,36% - estão fazendo com que mais imigrantes brasileiros decidam deixar a Espanha e voltar para casa. A Organização Internacional para a Migração (OIM) - que ajuda imigrantes que queiram voltar para casa, pagando sua passagem - afirma que, em 2007, analisou pedidos de 2.073 pessoas na Espanha.

De 2008 até abril deste ano, este número tinha subido para 6.722. Outros 500 casos - que poderiam representar cerca de 1.500 pessoas - aguardavam na fila para ser analisados.

"O número de imigrantes querendo ajuda para voltar para casa aumentou muito", conta Clarissa Araújo do Carmo, funcionária da OIM em Madri. "Antes recebíamos cerca de cinco pedidos diários, mas desde meados do ano passado este número subiu para 20, até 30 pedidos."

Os brasileiros, juntamente com os argentinos, são o segundo maior grupo a procurar a OIM. Os bolivianos são os primeiros da fila.

No ano passado, a organização ajudou 143 brasileiros a voltar para casa e neste ano, até março, 45 já haviam retornado e outros 155 casos (o que poderia representar o triplo em número de

pessoas) aguardam para ser analisados, mas a espera pode demorar meses.

Crescimento

Desde o ano 2000, o crescimento econômico e a ampla oferta de empregos - principalmente nos setores de construção, hotelaria e serviços domésticos, que os espanhóis não queriam ocupar - vinham atraindo imigrantes de vários países para a Espanha.

Mas refletindo a crise mundial, o país entrou em dificuldades em meados do ano passado e hoje seu índice de desemprego é duas vezes maior do que o dos outros países da União Européia.

O cônsul brasileiro em Madri, Gelson Fonseca, afirma que ainda é cedo para medir os efeitos das dificuldades econômicas sobre os imigrantes brasileiros na Espanha. "Poderemos ter um número preciso sobre a saída de brasileiros da Espanha daqui a um ano. A Espanha tem estatísticas muito precisas sobre a comunidade estrangeira no país, por conta do Padrão Municipal (uma espécie de censo municipal publicado a cada dois anos)", diz Fonseca.

"O padrão é renovado a cada dois anos, então, precisamos esperar pelo menos mais um ano para medir este número."

De acordo com dados do Padrão Municipal, havia 11.085 brasileiros registrados na Espanha no ano 2.000. Em 2.008, este número chegava a 116.548. Segundo dados do Ministério do Trabalho, no entanto, apenas cerca de 20% têm seguridade social.

Entre os brasileiros na Espanha, os homens, em sua maioria, trabalham no setor de construção, um dos mais afetados pela crise. As mulheres estariam empregadas, em geral, no setor de serviços doméstico ou de hotelaria. "A taxa de desemprego entre os imigrantes na Espanha é maior do que a taxa de desemprego entre os espanhóis. O que se diz é que a taxa de desemprego para estrangeiros, geralmente, está entre 6% e 7% acima da taxa dos espanhóis", afirma o cônsul.

Segundo o sociólogo Lorenzo Cachón, presidente do Fórum para a Integração dos Imigrantes, a crise e o desemprego também aumentaram a tensão entre os imigrantes e os espanhóis. "A crise está sendo especialmente grave na Espanha, afetando todos os trabalhadores. Com isso, muitos imigrantes perderam o emprego", afirma Cachón.

Se antes os imigrantes ocupavam as vagas rejeitadas pelos espanhóis, agora eles disputam diretamente esses empregos. "As migrações para a Espanha se produziram, basicamente, por questões de trabalho. As pessoas vieram não por que tinham problemas em seus países de origem, mas porque na Espanha havia oportunidades de empregos", diz o sociólogo.

"Na Espanha, desde o ano 2000, houve muitas oportunidades de emprego. Em 2007, elas começam a diminuir. 2008 foi um ano ruim e a previsão é de que 2009 seja muito negativo", afirma ele.

"O que está acontecendo é que menos gente está vindo para a Espanha porque sabem que hoje não vão encontrar emprego. Aumentou o retorno de imigrantes, principalmente de países latino-americanos." BBC Brasil - Todos os direitos reservados. É proibido todo tipo de reprodução sem autorização por escrito da BBC.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,crise-faz-com-que-brasileiros-desistam-do-sonho-espanhol,368923,0.htm> – 11.05.2009

Crise econômica faz imigrantes adiarem o sonho americano

Maria Sacchetti

Em um apartamento em Cambridge, no Estado de Massachusetts, Amar Sharma está prestes a receber um título de mestrado do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), uma façanha que ele esperava que lhe garantisse um bom emprego nos Estados Unidos. Mas, se não encontrar um emprego logo, ele poderá acabar tendo que voltar à Índia.

A alguns quilômetros de distância, Bedardo Sola está devastado pela perda do seu emprego de faxineiro em um prédio da Universidade Harvard. A demissão ameaça dois lares: o da sua família aqui, e o da filha, em El Salvador, que ele sustenta.

O aumento do desemprego está castigando famílias em todos os Estados Unidos, e tem um impacto especial sobre os imigrantes e os seus parentes que moram a milhares de quilômetros de distância. Além dos seus meios de subsistência, os trabalhadores nascidos no estrangeiro poderão perder os seus vistos de trabalho, e a esperança de ter um futuro nos Estados Unidos. Até mesmo cidadãos norte-americanos naturalizados estão sendo afetados porque perdem a fonte do dinheiro que enviam para os seus parentes nos países de origem.

Mas, à medida que o desemprego cresce, os atritos quanto à questão da imigração também aumentam. Por um lado, parlamentares e outros indivíduos pedem maiores restrições aos trabalhadores estrangeiros a fim de preservar os empregos dos norte-americanos. Por outro lado, os defensores dos imigrantes dizem que estes são cruciais para qualquer recuperação econômica. Em Massachusetts, os imigrantes representam 17% da força de trabalho, ou quase o dobro da proporção registrada em 1980.

Não existe nenhuma avaliação única para determinar como os imigrantes estão se saindo durante a recessão. A maioria deles encontra-se em um nicho demográfico vulnerável, concentrados nos patamares mais altos e mais baixos da economia, nas abaladas indústrias de construção civil e de hospitalidade, bem como nas de finanças e de alta tecnologia. Os que correm mais riscos são frequentemente os pobres, os com menor nível educacional e os que não são fluentes em inglês.

Os analistas dizem que vários sinais indicam um drástico desaquecimento em todo o país: a imigração ilegal não aumenta significativamente

desde 2006; as transferências monetárias para a América Latina diminuíram no ano passado pela primeira vez em quase uma década; e o desemprego entre os imigrantes latinos aumentou no ano passado de 5% para 8%, segundo o Instituto de Políticas de Migração, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o Centro Hispânico Pew, todos com sede em Washington, D.C.

"Os imigrantes estão enfrentando os mesmos problemas que nós, e em muitos casos estão se saindo pior, especialmente aqueles que trabalham na economia clandestina", afirma George Noel, diretor do Departamento de Trabalho de Massachusetts, que está realizando uma pesquisa junto à força de trabalho de baixa remuneração no Estado.

Já na outra extremidade do espectro econômico, o Congresso acaba de proibir as companhias que recebem dinheiro dos pacotes federais de ajuda financeira de substituir funcionários norte-americanos despedidos por trabalhadores estrangeiros qualificados, os chamados H-1B, devido ao nome do programa dos seus vistos de imigração. O programa emite 85 mil vistos por ano, a partir de 1º de abril, mas recentemente passou a ser criticado, quando algumas companhias que cortaram empregos inscreveram-se para contratar trabalhadores estrangeiros.

Alguns indivíduos estão pedindo mais restrições federais à imigração de forma a preservar empregos no patamar mais baixo da economia. Segundo um estudo realizado no final do ano passado, os imigrantes que não possuem diploma de segundo grau apresentam índices de desemprego menores do que os indivíduos com qualificação equivalente nascidos nos Estados Unidos, especialmente os negros e os latinos. Desses imigrantes, 11% encontravam-se desempregados, comparados a 25% dos negros e 16% dos latinos nascidos nos Estados Unidos.

"Não devemos cogitar qualquer aumento do nível de imigração", diz Steven Camarota, diretor de pesquisas do Centro de Estudos de Imigração, em Washington, que realizou o estudo. "Não faz sentido continuar acrescentando gente a uma população que está sendo massacrada pela crise". Mesmo assim, os analistas dizem que, até o momento, o debate público parece se concentrar nos escândalos corporativos e no uso de dinheiro federal para pacotes de socorro a empresas, e não nos imigrantes.

"O grande alvo é aquilo que está acontecendo em Wall Street e no setor bancário", diz Demetrios G. Papademetriou, presidente do Instituto de Políticas

de Migração. "Até o momento, o foco se concentra na ganância desse pessoal".

Em Massachusetts, sindicatos, advogados de imigração e ativistas estão se mobilizando para defender os direitos dos trabalhadores, realizando manifestações, e até mesmo orientando os trabalhadores a procurar aconselhamento profissional para que lidem com a depressão e o estresse. Alguns trabalhadores, como os de visto H-1B, correm o risco de ter que deixar o país caso percam o emprego. Outros têm permissão para ficar, mas ainda assim podem estar sob pressão intensa para enviar dinheiro para casa. Os imigrantes ilegais - cerca de um em cada cinco imigrantes em Massachusetts - estão enfrentando críticas por ocuparem empregos no país.

Na semana passada, em um escritório local do Sindicato Internacional de Serviços aos Funcionários (SEIU), Sola segurava a cabeça com as mãos após ter sido demitido do seu emprego como faxineiro em um dormitório da Universidade Harvard. Sola, que está aqui legalmente, diz que envia centenas de dólares por mês para a filha de dez anos que sofre de uma desordem de imunidade.

"Não vim para este país para ser dependente", afirmou Sola, 42. "Quero trabalhar".

Os trabalhadores sindicalizados estão lutando contra as demissões, afirmando que elas têm ocorrido sem que haja respeito ao tempo de empresa dos funcionários. E eles estão criticando a Universidade Harvard por ter implementado medidas de redução de custos que provocaram a demissão de trabalhadores que fazem alguns dos serviços mais duros.

Kevin Galvin, um porta-voz da universidade, diz que a instituição está enfrentando "desafios fiscais sem precedentes" e que está promovendo cortes em diversas áreas, incluindo a imposição de um congelamento salarial aos professores e funcionários não sindicalizados. Galvin explica que quem está fazendo as demissões é uma empresa terceirizada, e não a Universidade Harvard. A empresa não respondeu às solicitações para que tecesse comentários sobre o assunto.

Enquanto isso, profissionais como Sharma vasculham centros de empregos, procuram fazer contatos em reuniões e coquetéis, e apelam para os diretórios estudantis em busca de ajuda.

Sharma está prestes a obter o seu mestrado em engenharia e gerenciamento pelo MIT, após ter trabalhado vários anos para a IBM no Estado de Kansas e na sua nativa Índia. Aos 30 anos de idade, ele ajuda a mãe, que é funcionária pública na Índia, e um irmão mais novo.

Mas desde janeiro ele não consegue fazer uma entrevista de contratação. Ele deseja ser estrategista de tecnologia da informação, mas se não obtiver trabalho nos próximos meses, provavelmente terá que encarar um emprego de remuneração mais baixa na Índia para poder pagar as dívidas que contraiu para estudar, no valor de US\$ 80 mil.

"Nunca pensei que as coisas fossem ficar tão ruins assim", disse ele. "Achei que, assim que terminasse o curso, tudo ficaria bem".

Laila Shabir, uma estudante de graduação do MIT de 22 anos de idade, que veio dos Emirados Árabes Unidos, diz que a recessão está tão intensa que ela decidiu adiar a graduação para continuar procurando emprego.

"Vim para o MIT, estudei economia e tenho um ótimo currículo", diz Shabir, que é filha de um encanador e de uma dona de casa. "Por que é que estou tendo tanta dificuldade para encontrar um emprego?"

Outros estão preocupados com a possibilidade de a onda de hostilidade contra os trabalhadores estrangeiros atrapalhar a recuperação econômica dos Estados Unidos. Um ano atrás, a província

canadense de Alberta lançou um programa para atrair trabalhadores que estão nos Estados Unidos com vistos H-1B.

Desde abril do ano passado, mais de 2.000 candidatos se inscreveram, incluindo 65 de Massachusetts, atraídos pelo sistema de imigração mais fácil e os "espaços abertos" e o "céu azul" dos quais Alberta se gaba (a propaganda não menciona as temperaturas bem abaixo de zero). Até o momento, mais de 300 foram escolhidos para trabalhar no Canadá.

"Se os trabalhadores H-1B foram qualificados, nós gostaremos de tê-los aqui", diz Rhonda From, diretora do programa em Alberta. "A nossa intenção não é roubá-los dos Estados Unidos".

George Bruno, advogado de imigração no Estado de New Hampshire, acusa: "Esse programa está drenando o nosso poder cerebral".

"Em algum momento a nossa economia vai voltar a crescer", diz ele. "E, quando isso ocorrer, quem estará em uma posição melhor, o Canadá ou os Estados Unidos?"

Fonte:

<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/boston/2009/03/25/ult583u354.jhtm> - 25.03.2009

ENGLISH

As the Global Economy Sinks, Tensions Over Immigration Rise

By Jeff Israely

Contrary to some forecasts, the global economic crisis has triggered no measurable drop in worldwide immigration rates. For most poor immigrants the push to escape dire poverty and political conflict remains far more powerful than any marginal change to the economic health of the rich countries they're looking to get to. Once an immigrant has arrived, though, the tanking economy is playing an increasingly important role in their fortunes — not just because it's harder to find a job, but also because locals are increasingly hostile to their presence.

From Southern Europe and South Africa to Middle America and the heartland of China come a growing number of examples of both governments and individuals venting their frustrations on foreigners. Take Italy. "We have to be nasty with illegal immigrants," Italian Interior Minister Roberto Maroni declared this week. Italy's unemployment rate is expected to rise to 8.2% in 2009, up from 6.7% last year. The country, which boasts a 4,500 km-long coastline, is also on the front line of

African immigration into Europe. Some 36,000 immigrants arrived on Italian shores in 2008, up from 22,000 the previous year, according to the United Nations High Commission on Refugees. (As a measure of how desperate people are to get to Italy, at least 525 died trying.)

Midway between Sicily and North Africa, the tiny Italian island of Lampedusa has long been a prime landing spot for illegal immigrants. Last month, protests erupted over plans to build a second detention center on the island, as locals fear that an already damaged beach tourism industry will be further hit. (Read a TIME story about Europe's immigration problem.)

But the hostility toward immigrants extends far beyond the points of entry. On Feb. 2, an Indian immigrant was beaten and set on fire by local youths in Nettuno, near Rome. Last month, two unidentified men in Athens threw acid on the face of a Bulgarian migrant worker. Xenophobia and competition for scarce jobs was blamed for the rampages last summer in South Africa that killed

scores of immigrants from Zimbabwe and Mozambique.

Some of these attacks can be attributed to simple racism, but it's also reasonable to assume that the economic downturn is causing greater competition for jobs and rising frustration among locals. British workers have protested the use of foreign workers. Sen. Charles Grassley of Iowa has asked Microsoft to fire foreign workers first when layoffs arrive. The Italian Senate approved a bill Thursday that encourages doctors to turn in illegal immigrants who they've treated. Put simply, bad times fuel xenophobia. "History is full of cases of scapegoating triggered by economic crisis," says Francesco Billari, a professor of demography at Milan's Bocconi University. "Immigrants make an easy scapegoat: if you can't fight China, you can fight the Chinese at home."

Economic problems, however, have also served as some disincentive to immigrants, who may rethink decisions to move to countries where prosperity has been fast evaporating. Thousands of Polish émigrés have left Britain for home over the past year, for instance, while the number of Mexicans moving to the United States has slowed from 14.6 per 1000 residents to 8.4 over the past two years.

But the grim state of the global economy is unlikely to prompt any big decrease in the number of mostly poor people setting out for the promise of foreign shores around the globe. "The world's basic stock of 200 million migrants hasn't really changed,

and isn't likely to change," says Jemini Pandya of the Geneva-based International Organization for Migration, citing the estimate for the total number of people living in countries other than their place of birth. "There is a structural need for migrants, and that doesn't go away because of economic problems in the developed world. There will still be jobs that locals don't want to do or don't have skills to do." (See pictures of America's hidden workforce.)

For many of the world's poor, a life in Europe or the U.S., even in the middle of a severe economic downturn, is vastly preferable to the poverty, war or religious and ethnic persecution they might experience in their own country. "It's not where you're going that matters as much as where you're coming from," says William Spindler of the U.N.'s refugee agency. "It's usually the push factor that is decisive, whether you're talking about refugees or people looking for work." (See pictures of the force behind the Gulf Boom.)

And as economic pressures increase, the potential for conflict clearly grows also. "Traditionally ... migrants don't compete for [the] same jobs as native populations," says Pandya. "But the moment [those native-born] people think they have to find any job, they will be in direct competition with migrants. That's where friction arises."

Fonte: <http://www.time.com/time/world/article/0,8599,1876955,00.html>
- 06.02.2009

Stop scapegoating immigrants for the economic crisis: UFCW Canada

Only a few months into the economic crisis in Canada and Liberal and Conservative leaders are already using the economy to push for more restrictive immigration policies.

Toronto (February 12, 2009) – "Shutting the door on immigration is not a solution. Canada's diversity has always been one of our country's most valuable assets. Immigration has been a source of prosperity in our country," says UFCW Canada National President Wayne Hanley.

On February 12, New Brunswick Liberal Senator Pierrette Ringuette called to bring back a "Canadians First" jobs policy, stating that temporary foreign workers should be restricted from coming to Canada and taking jobs away from Canadians.

The Conservative Minister of Immigration Jason Kenney in his statements to the Standing Committee on Citizenship and Immigration implied that his government is open to the possibility of further curbing the number of immigrants entering

the country as permanent residents as a response to the economic crisis.

"Blaming immigrants and migrants for the economic crisis is not the answer. Now more than ever the Canadian government should stand up against the scapegoating of immigrants and migrants rather than allowing protectionism and extreme nationalism to degenerate into intolerance, xenophobia and outright racism," stated UFCW Canada National President Wayne Hanley.

"Rather than simply closing the door on immigrants and migrants the Canadian government should work with immigrant communities and trade unions to rethink our current policies to ensure that all immigrant and migrants planning to come to Canada to work have access to good jobs and a path to permanent residency."

The Canadian workforce is aging. According to Statistics Canada by 2011 the growth of the elderly population will increase with the first baby-boomers turning 65. Immigration and migration have been the main sources of population growth in this country.

“Responding to the economic downturn with the kneejerk reaction of closing down our borders is short-sighted. We know that for Canada’s workforce to continue to be responsive to our labour market needs means maintaining our commitment to sustained immigration levels at the least. Limiting immigration will result in a Canadian

workforce that is ill equipped to respond to labour market needs once the economy is growing once again,” explained Hanley.

Through the “Less Blame – More Solutions” campaign is designed to ensure that our political leaders clearly understand that they must concentrate their efforts on helping working people and families out of this economic crisis — not on treating immigrants as the cause of our current economic climate. They are part of the solution.

Fonte: <http://www.nupge.ca/node/2025> - 12.02.2009

Global Financial Crisis, Poverty, and Migration

Two years ago, our nation boiled in rage when Congress attempted to revise immigration policy that had long been in shambles. I was working as an intern then at Pennsylvania Congressman Joe Sestak’s office, taking phone calls from crotchety, disaffected senior citizens about their political concerns and entering their opinions in a crammed database.

When bipartisan legislation was introduced in the Senate that would, among other things, give citizenship status to 12 million illegal immigrants, phone calls at the office ran off the hook. Complaints ranged in tone from articulate, quiet concern to vitriolic, racist diatribes. I was struck by the utter lack of sympathy displayed by callers who claimed the United States should close its doors to immigrants forever.

Fast forward to 2009. Revising immigration laws doesn’t seem to be a top priority for the incoming Obama administration. In fact, during the election, the topic of immigration mysteriously disappeared from local town hall meetings and presidential debates. Curiously enough, Public Radio International’s Lisa Mullens reported that the financial crisis has prompted a mass exodus of immigrants from the United States. Sparse jobs and waning incomes have taken a toll on remittances crucial to the Mexican and other Latin American economies.

But the flow of migrants from Africa doesn’t appear to have ebbed since the global credit meltdown. Each year thousands of sub-Saharan Africans cross the treacherous Sahara in hopes of self-sustenance and prosperity in Europe—things they can’t count on in their countries of origin. Along the way, many are attacked by robbers and smugglers. Others die of dehydration, ensnared by

desert heat without enough water. Still others fall prey to disease or murder.

Migrants from countries like Niger, Mali, and Chad who manage to safely traverse the Sahara face even more obstacles in North Africa. Against seemingly insurmountable odds, why do African migrants risk their lives each year?

The BBC’s Jenny Cuffe asked Innocent Acabo from Niger why he is saving to embark on a dangerous trip to Spain:

“This country we are not doing anything there is no work...There is no work...There is nothing here. So many people like that we get to Libya see if we get a job...Spain..I don’t know much about Spain..but it’s far better than my own country in terms of working. In my country, we work and work and work and you don’t get what you’re working for. In Spain, but I believe when you get there, you work, you struggle, something will change.”

But the citizens of recipient countries aren’t always so sympathetic. Under pressure from citizens rankled by the influx of undocumented immigrants, many European countries are cracking down on migrants, forcing sub-Saharan and North Africans like Innocent back to their respective homelands. Still worse, many migrants are captured by authorities at North Africa’s borders, and are often sent to languish in putrid detention camps. Those who make it through Africa travel across the Mediterranean in flimsy vessels, often meeting their deaths in stormy seas.

European lawmakers talk of managed migration, whereby African migrants will be permitted to enter Europe to fill in labor gaps. However, African policy-makers worry that such a measure may further stunt the economic growth of the continent.

In 2006, European and African countries gathered in Morocco for the Rabat Conference to discuss solutions to unrelenting migration. Attending the meeting is the UN High Commissioner for Refugees Antonio Guterres, who claims that problems of migration are firmly rooted in the conundrum of African under-development.

“I hope that this conference will enable the states of Africa and Europe to formulate cooperative approaches to the challenge of development –

approaches which can help us to create the conditions that enable people to migrate out of choice, rather than necessity.”

Two years later, scant progress has been made as rates of migration continue to increase and the developed world persists in ignoring the connection to poverty and global inequality.

Fonte: <http://aidemocracy.wordpress.com/2009/01/13/global-financial-crisis-poverty-and-migration/> - 13.01.2009

Europe's Immigrants Return Home

By Richard Basas

Europe and the United States had often inherited many benefits from economic growth in the pre-2008 era. One of those consequences, especially for those countries on the border or across the sea from developing nations is legal and illegal migration into their economies. Due to the recent economic troubles a lack of work has prevailed and often manual labour jobs have dwindled, leaving legal and illegal migrants with few options for employment. Signs of “reverse migration” back towards their countries of origin took hold with many illegal migrants living in the United States eight to nine months ago. Now with unemployment rates pushing 20 percent in many European countries, many immigrants in European countries are making their way back to their hometowns.

In a New York Times article this week an analysis of why and how European migrants are returning home was published. The focus of the article was on migrants in Spain, often coming from Eastern Europe and South America to work in an economy that was the source of the EU economic boom since 2000. Spain and Ireland were known as the two EU countries in the last few years that have benefitted from innovative and continuous economic growth after the year 2000. The rate of inter-EU and immigration from abroad expanded their economies, population and cultures in return. Now many immigrants to Spain have become the first to leave the country with an unemployment rate of 17.4 percent. Responses to these issues have come from many sources. The Czech Government, in an attempt to ease the pressures on Czech émigrés has offered 500 Euros to help their citizens return to the Czech Republic. In Spain, the Spanish Government has offered legal immigrants from South America their unemployment payment in one lump sum if they agree to leave Spain and not return for three years.

Many others have simply left back to their home countries without any assistance as one migrant to Ireland said: “it is much easier to be at home with family and with friends and not to have a job,” she said, “than to be here and not to have a job.”

Problems in places like Europe and the US might be difficult, but problems from the Economic Crisis in Eastern Europe and South America have not been much better. This week the World Bank and IMF have been working out methods and strategies to help economies in the developing world and now even developed countries in dealing with financial problems worldwide. While unemployment rises and the debate carries on within global financial institutions, problems in developing nations continue to rise and develop into massive crises as the result of increased poverty. One notable example is the conditions in Mexico. With a full scale drug war competing with deaths in Afghanistan and Iraq combined, losses from the financial crisis and the current Swine Flu taking hold in Mexico, reverse immigration may have unknown consequences as a result of millions of people not being able to cope within their home country or their new country. While unemployment rates in the US and Canada are nowhere near 17 percent like in some European countries, the difference in the economic structure of the systems in North America may not provide decent paying jobs which help families to survive an economic crunch for more than 8 months or so. In the end, policies to help stabilise developed and developing economies might help some people, like those returning to South America from Spain in providing some living expenses for a few months or a few years.

Fonte: <http://latinamerica.foreignpolicyblogs.com/2009/04/26/spains-migrants-return-home/> - 26.04.2009

Economic downturn weighs on Filipino migrant laborers

By Karen Lema

REUTERS, MANILA - Like millions of Filipinos, Alma Ang left her homeland to work abroad for a salary far higher than she could have ever earned at home.

Now, as the global financial crisis bites, Filipino migrant workers face the prospect of losing their jobs abroad and returning home unemployed and often in debt.

In the case of Ang, after paying a recruitment agency 120,000 pesos (about \$2,500) for a job at an electronics factory in Taiwan, she was retrenched within a year and is back in the Philippines without any work at all. 'I wanted to earn more money so I could build a house for my family, but that did not happen,' said Ang, 31, who gave up her job as a quality control officer at a garment factory near Manila for a job in Taiwan that paid four times her salary.

As the global economic crisis deepens, countries such as the Philippines, which are heavily reliant on remittances sent home by migrant workers, face the prospect that workers may return en masse after losing jobs in recession-hit economies abroad.

Migrante International, an NGO that assists Filipino migrant workers around the world, predicts that 100,000 workers may lose their jobs this year.

'We have yet to feel the full effects of the global economic crisis,' Gary Martinez, head of Migrante International, told Reuters. 'The situation will certainly worsen in the coming months.'

A mass influx of returned, unemployed workers could weigh on the Philippines which has one of the highest unemployment rates in Southeast Asia and one of the highest poverty rates, with one-third of the population living below the poverty line.

Mass unemployment and social problems that often accompany large-scale joblessness could also take a toll on what is expected to be a tight presidential election next year to replace President Gloria Macapagal Arroyo.

Job Losses

Working abroad has become a way of life in the Philippines. Millions leave every year to work overseas, mostly as domestic helpers, seafarers or caregivers, to support families back home.

Last year, 1.4 million Filipinos moved abroad for work, a daily deployment of close to 4,000 people. Due to high unemployment at home, the Philippine government has long championed the exodus of workers abroad, despite widespread disquiet of a

drain of talent. Arroyo calls these migrant workers 'modern day heroes' because the money they send home has kept the Philippine economy afloat even in times of economic uncertainty.

But as the global economy faces its biggest downturn in decades with a slump in shipping and recessions in many of the countries that employ Filipino migrant workers, the Philippines may find itself particularly exposed. Around 10 percent of the country's estimated 90 million population live abroad. Last year, they sent home a record \$16.4 billion in remittances, a major pillar of the domestic economy.

Economists expect the inflow of remittances to contract by as much as 6 percent this year due to the global slowdown.

'There is declining demand for labor and that is going to reduce demand for migrant workers,' said Steven Kapsos, an economist at the International Labor Organization (ILO). 'I don't think that that is a permanent phenomenon ... but it is difficult to look beyond this crisis,' he added.

Cash sent home by Filipino migrants, the vast majority of whom live in the United States, is one of the Philippines' top sources of foreign exchange and a pillar of consumer spending in the domestic economy. A drop in remittances is expected to squeeze the Philippine economy as migrants' families tighten their belts, squeezing GDP, along with falling exports.

Coming Home

Returning migrant workers face a bleak future at home with the Philippine economy struggling to provide enough jobs. The unemployment rate climbed to 7.7 percent in January after some 40,000 workers were laid off in the past few months. The country's jobless population is now almost 3 million and over 1 million people enter the labor force every year.

Poverty is also a concern. More than 30 percent of the Philippine population live below a government-defined poverty line of \$3 a day per family of five, and the number will likely worsen as more Filipinos are added to the list of unemployed.

'The poverty rate has gone up while the economy was growing ... so with GDP growth slowing down to probably 2 or 3 percent this year, you can expect that poverty rate is going to increase further,' said Ernesto Pernia, an economics professor at the University of the Philippines. 'I would think the

poverty rate would go up to something like 35 percent or 36 percent.'

The government has formulated a 330 billion pesos (\$6.9 billion) stimulus plan, to create almost one million jobs, including some 100,000 'green-collar jobs.'

About 250 million pesos will go to a support fund for retrenched overseas workers, while the government will also impart skills training for in-demand jobs in other parts of the world. Critics, however, say it is not yet clear how the government will fund the stimulus plan.

In the meantime, Filipino workers in places such as Hong Kong and Singapore worry about keeping

their relatively high paying jobs. A maid can earn \$500 a month, compared to just \$120 at home, with most of the money sent home to provide for families.

'Many of us here are feeling nervous because there's been a lot of jobs terminated because of the crisis,' said Janette Pilotin, a 35-year-old Filipina maid in Hong Kong who uses her income to put her two children through school. 'If I lose my job, I cannot afford to come back home,' she said.

Fonte: <http://www.migration4development.org/2009/03/economic-downturn-weighs-on-filipino-migrant-laborers/> - 24.03.2009

Immigration reform tough during crisis, Biden says

SAN JOSE, Costa Rica (Reuters) - The economic slump and soaring unemployment in the United States mean this is not a good time to push immigration reform, U.S. Vice President Joe Biden told Central American leaders on Monday.

"It's difficult to tell a constituency while unemployment is rising, they're losing their jobs and their homes, that what we should do is in fact legalize (illegal immigrants) and stop all deportation," Biden told a news conference in the Costa Rican capital.

President Barack Obama said during his election campaign that he supported comprehensive immigration reform, as countries like Mexico have been urging for years.

Some 12 million illegal immigrants live in the United States, many from Mexico and Central America. The economic crisis has made many U.S. workers more hostile to legalizing those without papers.

"We believe, the president and I, that this problem can only be solved in the context of an overall immigration reform," Biden said, asked about the chances of extending temporary migrant protection programs.

"We need some forbearance as we try to put together a comprehensive approach to deal with this." Biden was in Costa Rica to meet Central American leaders at an informal regional summit.

A comprehensive overhaul of immigration laws -- including plans for a guest worker program -- was killed off by Republicans in the U.S. Senate in 2007, although many Central Americans have been able to stay in the United States under the Temporary Protected Status, or TPS, system.

Fonte: <http://www.reuters.com/article/politicsNews/idUSTRE52T7SE20090330> - 30.03.2009

ESPAÑOL

Deportados o sin trabajo

Si bien la debacle de la economía y una cifra récord de deportaciones golpearon a los aproximadamente 12 millones de indocumentados en Estados Unidos en 2008, todavía no se sabe a ciencia cierta qué efecto tendrán esos factores a largo plazo.

Javier Aparisi - BBC Mundo, Miami

Un informe emitido este miércoles por el Instituto de Política Migratoria (MPI, Migration Policy Institute) señala que se ha detectado "una ralentización medible en el crecimiento histórico de la inmigración en EE.UU., en gran parte debido a

que no ha habido un crecimiento significativo en la población de inmigrantes no autorizados desde 2006".

"Los flujos migratorios legales son los que menos responden a las presiones económicas, mientras

los flujos de inmigración ilegal son los más influenciados", señaló el presidente de MPI, Demetrios Papademetriou. "Sin embargo, parece improbable un regreso sustancial de inmigrantes no autorizados salvo que ocurra un prolongado y severo empeoramiento de la economía estadounidense", agregó.

Señales negativas

De todos modos ya hay señales del efecto negativo del bajón económico entre los inmigrantes. El impacto de esas tendencias probablemente se reflejará en una reducción del dinero que los migrantes envían a sus familias.

Falta trabajo

La escasez de trabajo y el problema de las remesas quedaron en evidencia en las afueras de una conocida ferretería de Miami, donde varios jornaleros latinoamericanos fueron consultados por BBC Mundo. "No le he mandado desde hace como ocho meses nada a mis familiares", señaló César Castillo, un inmigrante nicaragüense que lleva 14 años en el país.

Para Azarías Chávez, un costarricense que llegó a EE.UU. en 1980, el regreso de conocidos a su país de origen es una realidad. "Bueno, tenía un familiar de la mujer que se fue por la misma situación de que no había trabajo", dijo.

Entre migrantes indocumentados como el hondureño Darlington la situación es todavía más apremiante porque "antes mandaba US\$100 mensuales. Ahora lo que puede mandar son unos US\$50 y salteado".

Si bien las estadísticas de la Oficina del Censo de EE.UU. clasifican a todos los inmigrantes bajo la misma categoría, el Centro Hispano Pew estima que "los migrantes no autorizados representan aproximadamente 5% de la fuerza laboral de EE.UU. y aproximadamente una tercera parte de la fuerza laboral nacida en el extranjero".

Máximo histórico en deportaciones

En 2008 el retroceso de la economía se sumó a una actividad récord en las deportaciones de indocumentados. Cifras proporcionadas por el Servicio de Inmigración y Control de Aduanas de EE.UU. (ICE) a BBC Mundo señalan que en el año fiscal de 2008, que concluyó el 31 de octubre, se registró un incremento de más de 25% en las expulsiones de indocumentados: un total de 356.739. Esto se compara con 285.157 en 2007, 231.664 en 2006 y 179.000 en 2005.

La portavoz de ICE, Cori Bassett, dijo a BBC Mundo que estas cifras se deben entre otras cosas

a que el gobierno estadounidense "triplicó el número de equipos de captura de fugitivos" y suspendió la práctica de liberar a indocumentados en la frontera. "ICE está dejando claro que el gobierno federal está empeñado en aplicar el estado de derecho en nuestras fronteras y en el interior", según Bassett.

Bajaron detenciones

Curiosamente las estadísticas de detenciones en la frontera con México siguieron una tendencia totalmente opuesta. Datos del Servicio de Aduanas y Control de Fronteras de EE.UU. (CBP) indican que el año fiscal de 2008 los arrestos de indocumentados en la divisa con el vecino del sur bajaron 17,89% (a 705.005). Esto se compara con 858.638 en 2007 y 1.071.972 en 2006.

Las autoridades mexicanas piensan que la intensificación de los controles han disuadido a quienes soñaban con cruzar al norte. "Ese es el resultado que nosotros obviamente atribuimos a más agentes patrullando la frontera, más infraestructura que tenemos a disposición y más tecnología", señaló a BBC Mundo el portavoz de CBP, Oscar Saldaña.

Sin embargo, no todos tienen la certeza de que la vigilancia migratoria haya sido el principal factor detrás de las últimas estadísticas. "Una combinación de factores que involucran a la economía y una mayor vigilancia han resultado en una reducción de flujos migratorios legales e ilegales hacia EE.UU.", señaló a BBC Mundo el ex director del Servicio de Inmigración y Naturalización de EE.UU. y actual analista del MPI, James Ziglar. "Todavía es muy temprano para determinar si existe un gran flujo de migrantes que se van porque no pueden encontrar trabajo o porque los indocumentados temen ser detenidos y deportados", agregó.

Expectativas con Barack Obama

Entre los activistas por los derechos de los migrantes estas últimas cifras confirman un cambio de actitud durante los dos últimos años del gobierno del presidente George W. Bush. "Si bien Bush dijo que teníamos que ver una forma humana de cómo legalizar al pueblo indocumentado, hizo todo lo contrario", señaló desde Chicago a BBC Mundo la directora del Centro Sin Fronteras, Emma Lozano.

Las expectativas de Lozano con el futuro gobierno del presidente electo Barack Obama son bastante claras ya que si "para él (Obama) no son prioridades (el freno a las deportaciones y la reanudación del proyecto de reforma migratoria), para nosotros sí".

"Con los poderes ejecutivos que tendrá como presidente él podrá decretar una moratoria y parar las redadas y deportaciones para que se pueda llevar a cabo un debate en el Congreso para que aprueben una reforma migratoria justa", agregó.

Fonte:

http://news.bbc.co.uk/1/hi/spanish/mundo_usa/newsid_7799000/779946_0.stm - 14.01.2009

La crisis amenaza a los inmigrantes

Los extranjeros sufren la debacle financiera más que nadie por falta de seguridad social y de garantías al ser ilegales Crece el rechazo en países de acogida a medida que sube el desempleo. Estados Unidos y los países de Europa discuten reformas legales que contemplen a los extranjeros Es necesario invertir en integración Urge resolver la situación de los ilegales

El 2009 está siendo, independientemente de los brotes verdes o signos optimistas en algunas economías de la Unión Europea y EE.UU., el escenario de la peor crisis global sincronizada de los últimos 50 años. En una recesión profunda y simultánea en economías avanzadas y emergentes, los inmigrantes sufren el golpe más fuerte y padecen como nadie la crisis económica, por lo que hace falta un gran debate para impulsar su integración y reformar las leyes actuales.

En cifras: el 14% de los latinos de EE.UU. están desocupados, frente a la media del 8,6%; en España en tanto el desempleo nacional del 17,4% sube al 28,4% en la población extranjera, según la Encuesta de Población Activa. Entre el último trimestre de 2008 y el primero de 2009, el paro creció un 7,1% para extranjeros y un 2,7% para los españoles.

Aunque los inmigrantes suelen ser el chivo expiatorio en las crisis, hasta ahora ha habido sólo casos aislados de protestas, como la de trabajadores británicos por la contratación de italianos y portugueses para la refinería de Total en Lincolnshire y la de La Naval, en Bermeo, por subcontratos en origen de rumanos y portugueses.

Pero, a medida que los efectos de la crisis repercutan más en el empleo, no pueden descartarse situaciones similares en el resto de Europa ni tampoco repercusiones políticas: en las próximas elecciones europeas, el Partido Nacional Británico, antiinmigración, podría conseguir su primer escaño en Estrasburgo; en Holanda y Dinamarca, formaciones similares esperan buenos resultados. La Cámara baja italiana ha convertido en delito la situación de los inmigrantes indocumentados. En otra dimensión, Suiza debate la posible activación de una cláusula de protección para recortar el número de inmigrantes en el país.

"En cualquier debate sobre inmigración, el miedo siempre es más atractivo que la esperanza. Eso favorece a los que quieren más limitaciones, más prohibiciones", según Jeremy Rosner,

vicepresidente de una empresa de sondeos en EE.UU. "Mi mayor preocupación es que haya de nuevo enfrentamientos, polarización", teme Rita Süßmuth, ex presidenta del Bundestag (Parlamento alemán) entre 1988 y 1998. "Es extraño que no haya más incidentes contra inmigrantes", reflexiona por su parte Demetrios Papademetriou, presidente del Instituto de Políticas Migratorias en Washington.

Los tres forman parte del Consejo Transatlántico para las Migraciones, que acaba de celebrar su tercer encuentro anual en Como (Italia). El Consejo es un think tank de líderes políticos, expertos y altos funcionarios europeos y americanos que buscan estrategias de reforma de la emigración y de integración de los inmigrantes.

La reunión de Como oscila entre la inquietud de debatir bajo la presión de la crisis -"la gente va a ser mucho más pesimista en todos los sitios en los próximos seis meses, va a ser más difícil discutirlo", pronostica un político conservador presente- y la esperanza de que Barack Obama logre una esperada reforma de la inmigración en los EE.UU.

¿Qué hay que hacer para desactivar la bomba de relojería de la inmigración no integrada? Además de las medidas para paliar los efectos de la crisis, "es fundamental pensar a largo plazo, nunca a corto; España y la mayoría de los países europeos van a seguir necesitando inmigrantes", afirma Blanca Sánchez Alonso, una experta en migraciones.

Ése es el debate que la reunión de Como quiere lanzar. "Necesitamos a los inmigrantes, pero durante mucho tiempo nos hemos dedicado a estudiar formas de evitar que vinieran o, si venían, que se quedaran a vivir con nosotros", según Rita Süßmuth, que lamenta que no haya un gran debate y que cree que "muchos países de la Unión Europea no están sabiendo preparar a sus ciudadanos para que cambien de actitud" sobre la integración de los trabajadores extranjeros.

España. ¿Es España uno de esos países? Llama la atención la ausencia de un debate reposado - aunque eso no se limite a la inmigración- que no se produjo en los años de la gran llegada de inmigrantes, desde 2000, ni se produce ahora, pese a las consecuencias que tiene y va a tener la crisis. El Gobierno ha reducido la oferta prevista en el catálogo de ocupaciones de difícil cobertura, en vigor desde 2004. "Pero", como dice Joaquín Almunia, "mientras no se reactive la contratación de emigrantes, no aumentarán los ingresos en la Seguridad Social". Elvira Pabón, de la ONG Aicode, señala que teme que el paro lleve a la pérdida del permiso de residencia: "Caeremos otra vez en la mano de obra esclava: trabajar en lo que sea y como sea con tal de quedarse aquí. Porque nadie se va; no hay 5.000 retornados, esos son los que se informan sobre cómo volver, no los que vuelven".

"Esa irregularidad sobrevenida es gravísima", coincide Blanca Sánchez Alonso, preocupada también por los recortes de fondos para las campañas de integración. "El problema es que nos hemos tragado el elefante de la gran llegada de inmigrantes y antes de digerirlo queremos ya escupirlo, o por lo menos escupir un par de patas".

Desde 2002, más del 50% del empleo que se creó en la construcción fue ocupado por inmigrantes. Fuentes de la Secretaría de Estado de Inmigración subrayan que esa es la razón básica de que haya un desempleo mayor entre esa población. "No se ha modificado el sistema de contratación legal, que identifica los empleos que no encuentran candidatos entre la población española o residente extranjera, pero es evidente que se identifican muchos menos empleos en una etapa de contracción que en una de expansión".

Políticas. Remontando el vuelo por encima de la coyuntura, por muy angustiosa que se presente, ¿qué es lo que hay que tener en cuenta a la hora de reformar las líneas básicas de una política de inmigración? Desde la experiencia de sus 30 años en diferentes cargos en un país de emigración como Canadá, Mel Cappe, que preside el Instituto de Investigación de Políticas Públicas, recurre a tres citas clásicas (al menos las dos primeras, pero pronto también la tercera): "El postulado de Hipócrates que dice, lo primero, no hacer daño; la afirmación del chino Sun Tzu en El arte de la guerra: hay que invertir a largo plazo. Y la frase de Rahm Emanuel, jefe de gabinete de Barack Obama: jamás desperdiciar una buena crisis".

Süssmuth cree que hay que dar la vuelta a las políticas que se han quedado anticuadas: "Cualquier país de la UE sabe que no puede resolver solo los

problemas. Cambiamos porque vivimos en un mundo globalizado. No podemos seguir ignorando lo que nos afecta".

Alemania cambió su estrategia desde el año 2000, con el debate sobre una nueva ley de naturalización que superara el principio del *ius sanguinis* -el acceso a la ciudadanía sólo por la descendencia- en favor del *ius solis*, la ciudadanía lograda por el nacimiento en el país.

De contemplar a los inmigrantes como extranjeros (*gastarbeiter*, trabajadores invitados con permisos temporales de residencia y empleo), Alemania está pasando a verlos como parte integrante de la sociedad. Süssmuth cree que hay que ir más lejos "en integración y cohesión social" de lo que supuso la Ley de Inmigración de 2005, pero "lo más importante es que por primera vez tenemos una estrategia nacional de inmigración que forma parte de la gran coalición y así evita la polarización. Se resuelven las diferencias sin hacer de ello una cuestión de Estado". ¿Lo fundamental? "La participación de los inmigrantes, afianzar su sentido de pertenencia -que nos escuchen decir que les necesitamos, aunque haya problemas- y saber vivir con un equilibrio entre diversidad y cohesión". ¿Y funciona? "Cada vez mejor, en buena parte gracias al papel que juegan las autoridades locales".

En el Reino Unido ha habido en los últimos 15 años "los más altos niveles de preocupación en la opinión pública" sobre inmigración, según Ben Page, presidente del instituto de sondeos Ipsos MORI. Las cosas han cambiado, sin embargo, gracias a una política eficaz de retorno de inmigrantes a sus países. "Aunque sería ingenuo ignorar el crecimiento del Partido Nacional, que explota con éxito el descrédito de la clase política, y los brotes que ha habido de manifestaciones xenófobas", ha disminuido en Gran Bretaña la tensión sobre la inmigración, en opinión del líder político británico antes mencionado. Según Will Somerville, del Instituto de Políticas Migratorias, "debe mejorar el déficit de confianza pública sobre las políticas de inmigración y hay que invertir en integración a largo plazo y resolver la situación de los ilegales".

¿Y América? Canadá tiene un modelo migratorio envidiado, con un sistema de selección basado en criterios de calificación y un gran consenso social sobre las ventajas de la diversidad: el 68% de los canadienses cree que la inmigración es buena para el país, a pesar de algunos problemas, como el aumento de la criminalidad ligada a la inmigración y la formación de guetos lingüísticos que se aíslan. En EE.UU. el clima en la opinión pública es globalmente positivo, según Roberto Suro, fundador del Pew Hispanic Center y profesor en la Universidad de

California. "La mayoría quiere que se resuelva el problema de los ilegales combinando medidas de control en los centros de trabajo con una reforma que permita a los actuales indocumentados -entre 8 y 12 millones de personas- seguir en el país".

Además de resolver la crisis económica y los diversos conflictos planetarios, ¿podrá superman Obama lograr la tantas veces intentada reforma de la inmigración? Frank Sharry, líder del Foro Nacional de Emigración de EE.UU. durante 17 años y fundador de America's Voice, un grupo favorable a la reforma, presentó en Como un llamamiento a Obama en el que le pide "una gran inversión de capital político". Sharry cree que la reforma de la inmigración "es el tipo de reto que le llevó a ser presidente, uno que tiene resonancias históricas".

Según Papademetriou, "a no ser que la recesión se profundice, es muy probable que haya una reforma

del sistema de inmigración de aquí a dos años, antes de las legislativas de 2010. Y si esta reforma es sensata desarrollará un modelo que otros países puedan seguir".

Celinda Lake, socióloga y estratega del Partido Demócrata, comparte el optimismo: "Estados Unidos está en un momento adecuado para abordar problemas; y es ahora cuando Obama tiene credibilidad. No es tan complicado. El mensaje al indocumentado es éste: si violaste la ley, hiciste mal, pero la mayoría creemos que si trabajas duro, no tienes antecedentes criminales y pagas tus impuestos, no hay problema. No hay nada más americano que pagar impuestos, así que ¡bienvenido al club!".

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/090524/pinter-419013/mundo/la-crisis-amenaza-a-los-inmigrantes> - 24.05.2009

El desempleo en Estados Unidos se centra en negros e hispanos

Roberto Pérez Betancourt

Como cáncer progresivo y letal, la crisis económica que afronta Estados Unidos muestra su peor aspecto mediante el creciente desempleo, el cual afecta las etnias tradicionalmente más discriminadas.

Agencias de prensa y otros medios informativos internacionales reflejan esa cruda realidad, presente en los 50 estados de la Unión, aunque con mayor incidencia donde hispanos y negros abundan en superior proporción y, de entre estos, especialmente los indocumentados.

Testimonios de personas despedidas sin ningún tipo de contemplación ilustran la realidad que desvanece "sueños americanos", tras los cuales un día los inmigrantes arriesgaron la vida con la esperanza de sentar plaza en la nación donde, como cualquier otra mercancía, las ilusiones se comercializan adornadas con celofán y oropeles.

En realidad la acentuación del desempleo entre negros y latinos no surge con la crisis actual. Ya se apreciaba desde inicios de la década del 70 del siglo anterior, cuando los indicadores de despidos y parados entre las minorías étnicas duplicaban a los de los blancos.

Así lo reconocen expertos, quienes hacen notar el mayor número de hispanos y afronorteamericanos que buscan empleo en la construcción, servicios y otros sectores, más afectados por la crisis multifactorial que amenaza con extenderse, sin que nadie pueda predecir con certeza cuando concluirá.

Desde diciembre del 2007, el desempleo entre latinos aumentó 4,7 por ciento, y hoy es 10,9, de acuerdo con la oficial Oficina de Estadísticas Laborales. La desocupación entre los negros creció 4,5 puntos, para ubicarse en 13,4 por ciento, y la de los blancos, en contraste, es de 7,3 por ciento.

Pero no solo los obreros sufren despidos.

También el sector profesional padece la calamitosa situación, agravada por pérdidas de créditos, confiscación de bienes por falta de solvencia, incluidas vivienda y automóvil, así como otros males.

"Muchas veces negros y latinos son los últimos en ser contratados por lo que, naturalmente, son los primeros en ser despedidos", dijo a la Prensa Asociada Jerry Medley, dedicado al negocio de colocación de ejecutivos durante 30 años.

Para apreciar con mayor claridad la situación que afrontan los parados, debe tomarse en cuenta que la riqueza de las familias estadounidenses disminuyó casi 18 por ciento durante el año 2008, al perder 11 billones de dólares, estimado como el mayor déficit desde que la reserva Federal comenzó a registrar información después de la Segunda Guerra Mundial.

Obviamente, es una situación que repercute negativamente en el nivel de vida de los trabajadores, quienes, a las calamidades descritas, agregan el alza de precios en alimentos, medicinas y los servicios de salud.

¿Cómo afrontarán entonces esa situación unos 15 millones de desempleados actuales, más los millones de subempleados a quienes se suman cifras notables de adultos, los cuales andan en busca de su primer trabajo?

Es pregunta difícil de responder, especialmente parapolíticos y hasta economistas. Ellos saben que la respuesta "quema" y resulta signo de creciente alarma.

Fonte: <http://www.argenpress.info/2009/03/el-desempleo-en-estados-unidos-se.html> - 26.03.2009

La crisis potencia abusos a migrantes: defensores del trabajador

La OIT prevé que esta situación tendrá como consecuencia la pérdida de unos 20 millones de puestos laborales y que los migrantes serían los más vulnerables.

Manila. La depresión mundial causa una fuerte sensación de inseguridad laboral entre millones de migrantes, debido a que son los más vulnerables ante los abusos empresariales, según defensores de los derechos del trabajador.

Entre las primeras medidas que adoptan las empresas frente a la crisis económica están la reducción de las plantillas de trabajadores y dejar de contratar, como se verifica otra vez en distintas partes del mundo.

La Organización Internacional del Trabajo (OIT) pronostica que la crisis global, originada en Estados Unidos, tendrá como consecuencia la pérdida de unos 20 millones de puestos laborales, y que los trabajadores migrantes serán los que con más probabilidad resultarán despedidos.

"Cuando uno tiene necesidades, hay más posibilidades de que se someta a abusos", afirmó Savino L. Bernardi, director y capellán del Apostolado del Mar – Manila (AOS, por sus siglas en inglés), una organización religiosa que ayuda a los navegantes filipinos.

Ellene Sana, directora ejecutiva del Centro para la Defensa de los Migrantes en Filipinas, señaló que los derechos humanos de estos trabajadores pueden quedar comprometidos a causa de la crisis económica.

"Los trabajadores migrantes estarán desesperados por trabajar y aceptarán cualquier cosa simplemente para mantener sus puestos. Cuando uno está desesperado pierde su sentido de la dignidad y acuerda por lo que sea que pueda obtener", expresó.

Sana dijo que ahora es probable que los migrantes acepten salarios más bajos y malas condiciones laborales solamente para conservar sus trabajos y mantener a sus familias.

En todo el mundo hay alrededor de 100 millones de trabajadores migrantes, la mayoría de los cuales cruzaron fronteras para escapar de la pobreza en sus países de origen.

Las remesas de dinero que envían, que el año pasado llegó en total a 250 mil millones de dólares, posibilitan que las familias que dejaron atrás tengan vidas mejores, y estimulan las economías de sus países natales.

Sin embargo, pese a sus enormes contribuciones, los trabajadores migrantes continúan sufriendo varios abusos, desde salarios impagos hasta acoso sexual. Funcionarios del gobierno y miembros de la sociedad civil que participaron en el Segundo Foro Mundial sobre Migración y Desarrollo realizado en octubre en Manila, coincidieron en la importancia de proteger los derechos de los migrantes.

Ya hay varias convenciones e instrumentos de la Organización de las Naciones Unidas (ONU) y de la OIT que promueven y protegen los derechos de los migrantes. Pero la existencia de acuerdos internacionales no garantiza que los abusos se eliminen. No todos los países ratificaron estos tratados de la ONU y la OIT.

El Foro es una instancia informal y el acuerdo firmado allí no es legalmente vinculante. No todos los casos de abusos pueden ser controlados, regulados y castigados. Las mujeres, que constituyen la mitad de la población total de mano de obra migrante, son más vulnerables porque habitualmente se emplean como trabajadoras domésticas y artistas. El sector informal es notoriamente difícil de controlar y regular.

De hecho, informes presentados el año pasado por la organización Human Rights Watch (HRW), con sede en Nueva York, revelaron que millones de trabajadoras domésticas empleadas en hogares de países de Medio Oriente sufrían varias clases de abusos.

HRW sostuvo que las trabajadoras domésticas que entrevistó fueron sometidas a numerosos abusos, como tener jornadas laborales de 18 horas sin días libres, confinamiento físico en el lugar de trabajo, negación de alimentos, falta de pago durante

meses o años, abusos físicos y sexuales y, en algunos casos, trabajos forzados y tráfico.

La mayoría de estas domésticas eran de Indonesia, Sri Lanka, Filipinas y Etiopía, y los países de Medio Oriente involucrados eran Jordania, Líbano, Arabia Saudita, Kuwait, Emiratos Árabes Unidos, Bahrein y Qatar.

"La escasez de opciones de trabajo decente es un factor que contribuye a la explotación", dijo Nisha Varia, subdirectora de la división de derechos femeninos en HRW, en una entrevista por correo electrónico que mantuvo con IPS.

"Muchas migrantes con las que he hablado preferirían quedarse en sus países de origen si pudieran hallar un buen trabajo, con buena paga. Muchas de ellas temen a los abusos y explotación que pueden enfrentar en el exterior. Pero se arriesgan porque no hay otras opciones", explicó Varia.

Con la crisis mundial limitando más las opciones laborales para todos, Varia cree que los trabajadores migrantes se volverán más vulnerables. "La gente (que vive) en la pobreza tendrá aún menos opciones", destacó.

Varia propuso que tanto los gobiernos que exportan como los que reciben mano de obra establezcan, controlen e implementen estándares mínimos en términos de condiciones laborales para impedir la explotación.

HRW también urge a todos los gobiernos a ratificar la Convención de la ONU para los Trabajadores Migrantes, que garantiza sus derechos humanos y promete una protección estatal contra los abusos cometidos por empleadores, agentes y funcionarios públicos. Sana subrayó que es importante que los países que exportan mano de obra como Filipinas, negocien y garanticen

mejores condiciones laborales para sus trabajadores. Pero ésta es una solución a corto plazo y los gobiernos deberían elaborar políticas que proporcionen más puestos laborales a sus propios trabajadores, a fin de que la emigración se convierta en una opción y no en una necesidad.

Se estima que 11 millones de filipinos trabajan actualmente en el exterior, ya sea documentados o de modo irregular, lo que vuelve a su país en el mayor exportador de mano de obra del mundo.

Cada año emigran más de un millón de filipinos, la mayoría de ellos para hallar trabajo como ayudantes domésticos u obreros.

Pero muchos de los principales destinos están cerrando sus puertas a los trabajadores migrantes. Esta semana Malasia prohibió la contratación de trabajadores extranjeros en fábricas, almacenes y restaurantes para protegerse contra la posibilidad de desempleo masivo, mientras sus industrias orientadas a la exportación se ven perjudicadas.

Malasia, que actualmente emplea a 2.1 millones de trabajadores extranjeros legales, los despedirá primero a ellos si se ve obligada a reducir la fuerza laboral. En los últimos tres meses, unos 10 mil malasios y tres mil extranjeros han perdido sus trabajos.

De modo similar, hubo reducciones de las plantillas en Medio Oriente. Importantes empleadores en países como Arabia Saudita cancelaron sus operaciones, y los negocios inmobiliarios y de la construcción en Emiratos Árabes Unidos se vieron afectados por la crisis económica.

Fonte: <http://www.jornada.unam.mx/ultimas/2009/01/26/la-crisis-potencia-abusos-a-migrantes-defensores-del-trabajador> - 26.01.2009

Recesión mundial - Más sufrimiento para migrantes

La depresión económica fustiga a los migrantes. La vida es cada vez más precaria para millones de personas que trabajan fuera de su patria.

En los aeropuertos esperan trabajadores: unos viajan en busca de un modesto empleo, otros vuelven a patrias empobrecidas cuyo principal producto de exportación son las personas. Estas imágenes del mercado laboral de principios del siglo XXI comienzan a desvanecerse conforme la economía empeora, tanto en los países que reciben migrantes como en los que los envían.

Véase, por ejemplo, el cambiante destino de los Kigezi kids, grupo de jóvenes trabajadores, la

mayoría graduados, quienes se reúnen cada mes para parlotear sobre la vida en Londres. Proviene del sur de Uganda –área de verdes colinas y pobreza endémica– y sus reuniones son charlas, por lo general agradables, alrededor de una parrillada, donde comparan carteras de propiedades y proyectos comunitarios en África.

Ahora, el humor cambia. Muchos laboran en el problemático sector de servicios financieros de Londres. Hace seis meses sus perspectivas parecían seguras, pero la peor crisis financiera desde la década de 1930 ha propagado la ansiedad. Una mujer, luego de cuatro años de

estudio y trabajo, está a punto de irse a su casa. Otra está afligida porque le cancelaron una oferta de empleo permanente. Muchos de los recién llegados se quejan de las dificultades para encontrar trabajo, incluso como servidumbre. La vida cotidiana es cada vez más difícil: algunos comparten el costo de la renta, otros caminan para ahorrarse el boleto del autobús.

Todos están intimidados por la reciente devaluación de la libra. Los chicos de Kigezi luchan por ayudar a sus parientes en Uganda, quienes, afligidos por los altos precios del arroz y la harina de maíz, envían frecuentes peticiones de dinero. “Cada vez es más difícil estar aquí. Rezo para que no reciba ningún mensaje de texto”, señala un hombre. Algunos, silenciosamente, cambian su número de celular para evitar requerimientos de dinero. “Esto crea resentimiento entre los parientes que piensan que sus hijos e hijas en Londres ya no son de gran ayuda”, dice.

Sus problemas son emblemáticos de los infortunios de los inmigrantes en todo el mundo. Los índices migratorios se elevaron en décadas recientes, como sucedió en Gran Bretaña y EU, que disfrutaron de un rápido crecimiento económico y atrajeron mano de obra. Alrededor de 200 millones de personas, algo así como 3 por ciento de la población global, viven fuera de su patria.

En varios países de Occidente la proporción de personas nacidas en el extranjero se ha elevado muy por arriba de 10%, incluso en Grecia e Irlanda, que antes exportaban migrantes. España, donde en años recientes el auge de la construcción favoreció la creación de una tercera parte de nuevos empleos en Europa, atrajo 4 millones de extranjeros (en especial de Bulgaria y Rumania, más Ecuador y otras partes de su antiguo imperio) entre 2000 y 2007.

Conforme las economías empeoran, los inmigrantes padecen. En muchas industrias donde predominan (turismo en Irlanda, servicios financieros en Gran Bretaña, construcción en EU y España) hay una acelerada pérdida de empleos. El desempleo en España es ya de 12%. Miles de inmigrantes podrían reclamar prestaciones por desempleo; el gobierno español busca la forma de movilizar a algunos. Y asevera que 87 mil podrían repatriarse bajo un nuevo “plan de retorno voluntario” que permite a los inmigrantes demandar futuras prestaciones por desempleo, en dos exhibiciones, si entregan sus permisos de residencia y visas de trabajo y se comprometen a ausentarse durante tres años. La suma ofrecida es al parecer de 40 mil dólares por migrante. Aun así, pocos han mostrado interés.

Los inmigrantes padecen en EU –el desempleo general es de más de 7%, su máximo registro en 16 años, y los trabajadores hispanos son los más afectados– y el mensaje que envían a casa es “no vengán”. Hasta el momento se ha recibido de manera muy clara. Un estudio de 120 mil hogares mexicanos publicado en noviembre mostró que la emigración (casi toda hacia EU) había descendido 42% en dos años. Las detenciones en la frontera han aminorado con similar velocidad. Y el valor de las remesas también ha caído, dice el Banco de México.

En terreno desconocido

Mientras la depresión se circunscribía a países ricos, el impacto sobre los inmigrantes era relativamente predecible: algunos se dirigirían a economías emergentes de crecimiento más rápido; unos decidirían no emigrar; otros se irían a casa, al menos durante un tiempo.

Las evidencias iniciales sugerían que, en efecto, la migración se reducía. Información dada a conocer en noviembre reveló que en 2007 llegaron a Gran Bretaña 577 mil inmigrantes, 14 mil menos que el año anterior (aunque la emigración cayó más rápido, lo que elevó la migración neta). Es probable que el año pasado haya ocurrido un descenso mucho más severo. A finales de 2008, una encuesta en Irlanda sugirió que, de 200 mil inmigrantes polacos, alrededor de una tercera parte pensaba marcharse en un año.

El 14 de enero el Instituto de Política Migratoria (MPI, por sus siglas en inglés), de Washington, publicó un estudio del impacto de la recesión sobre la inmigración en EU. El estudio concluye que la población nacida en el extranjero ha dejado de crecer, después de años de rápida expansión. En particular, los indocumentados han respondido a la depresión: durante 2008 la cifra de inmigrantes indocumentados detuvo su crecimiento. Conforme la recesión empeore, el número de extranjeros en EU podría incluso disminuir.

Pero a medida que la miseria económica se extiende a países más pobres, el panorama es más sombrío. Nadie sabe qué esperar de una combinación de recesión global y una migración históricamente alta. Demetrios Papademetriou, uno de los dos autores del estudio del MPI, destaca que en economías como la mexicana, que también han resultado castigadas, la expulsión de migrantes podría incrementarse de nuevo. Uno de sus cálculos sugiere que, si los salarios reales cayeron 10% en México, las autoridades estadounidenses deberían prepararse para un incremento de 6.4-8.7% en los intentos de inmigración indocumentada.

De modo similar en Europa, aunque la depresión apresuró la repatriación en ciertos países ricos (las anécdotas hablan de un rápido retorno de polacos de la zozobranante Islandia), conforme las economías en Europa del este se desaceleran también, los inmigrantes podrían optar por quedarse. Trabajadores jóvenes y solteros pueden movilizarse, pero las familias inmigrantes, en especial, podrían concluir que es mejor demandar seguridad social en un país rico que regresar a casa.

Es posible que una depresión global cambie los flujos migratorios en forma considerable. En octubre, el secretario general de Naciones Unidas, Ban Ki-moon, exhortó a los países ricos a no levantar más barreras a los inmigrantes durante la depresión, pero destacó que “los flujos migratorios se revierten. En varios casos observamos flujos de retorno desde países que afrontan crisis económicas”.

La Organización Internacional del Trabajo cree que este año se perderán 20 millones de empleos en el mundo y sugiere que los países ricos cerrarán sus puertas.

Las lecciones de otras grandes crisis sugieren que los inmigrantes la pasarán mal. En 1973, Alemania, Francia, Países Bajos y Bélgica detuvieron de manera abrupta los programas de largo plazo para trabajadores inmigrantes, previendo una dolorosa recesión durante esa década.

A finales de los años 20 y 30 EU, que había reportado altas tasas de inmigración, cerró de golpe sus puertas, y durante décadas mantuvo bajos índices de inmigración. A medida que la depresión tomó fuerza, muchos trabajadores extranjeros se repatriaron: alrededor de 500 mil en los años 30. Gran número de europeos retornaron de manera permanente al viejo continente. En la misma década el número de mexicanos en EU se desplomó 40%, con motivo de pérdidas de empleos y deportaciones. De manera similar la depresión de la década de 1890 provocó una hostil legislación antimigratoria en Argentina, EU y otros países, ante la exigencia de los trabajadores nacionales de que se prohibiera el paso de competidores extranjeros.

A la Organización Internacional para las Migraciones (OMI), entre otras, le preocupa que la xenofobia crezca conforme “la competencia por empleos se incrementa entre nacionales e inmigrantes”. La hostilidad se acerca sigilosamente. En EU las deportaciones crecen con velocidad (361 mil indocumentados, un número récord, fueron deportados en 2008, en comparación con 319 mil del año anterior). En noviembre, una encuesta del Fondo German Marshall sugirió que la mayoría de

estadunidenses y europeos consideran la migración como un problema, no como una oportunidad.

Británicos y estadunidenses, en particular, son hostiles a los trabajadores extranjeros: más de la mitad de entrevistados dicen que los inmigrantes los despojan de sus empleos y casi dos terceras partes los culpan del alza de impuestos (por su uso de asistencia social). A su vez, los políticos se expresan negativamente de la inmigración, y en algunos casos, como en Gran Bretaña, levantan barreras más duras al ingreso legal de forasteros.

Danny Sriskandarajah, hasta hace poco en el Instituto para la Investigación de Políticas Públicas en Londres, expresó preocupación por el cambio del humor público. Hasta ahora, por ejemplo, la ansiedad en Gran Bretaña se ha dirigido contra el gobierno por no regular la afluencia de extranjeros. “Contra los extranjeros, la reacción sería más venenosa”, sugiere Sriskandarajah. Esto podría ocurrir conforme se incrementa el desempleo, sobre todo si algunos inmigrantes están mejor capacitados que los nativos para conservar sus empleos, en el campo o en el cuidado de personas, quizá debido a su disposición a trabajar largas horas con bajo sueldo.

En muchas partes la hostilidad hacia los inmigrantes es cada vez más brutal. En Rusia, grupos de derechos humanos temen que los ataques racistas contra extranjeros se eleven conforme la economía se desacelera. En diciembre, mientras en la capital rusa se condenaba a una pandilla de adolescentes cabezas rapadas por matar a 20 inmigrantes, una organización no gubernamental, la Oficina de Derechos Humanos de Moscú, reportó que 113 inmigrantes habían sido asesinados entre enero y octubre de 2008, casi dos veces el índice del año anterior. Alrededor de 340 inmigrantes resultaron heridos.

Los catastrofistas tienen motivos para preocuparse, sobre todo por los desposeídos. Durante los años pasados las remesas han aliviado la pobreza y han estimulado la inversión en países empobrecidos. En algunos casos representan flujos más grandes de capital que la ayuda o la inversión extranjera. Transferían la riqueza de países ricos a países pobres, pero ahora se están agotando.

En noviembre, el Banco Mundial sugirió que el año pasado las remesas totales a países pobres serían de, al menos, 283 mil mdd. Los flujos conocidos se han más que duplicado desde 2002 (en parte como resultado de mejores sistemas de medición). En muchos pequeños países representaron una importante porción del PIB durante 2007: Tayikistán (46%), Moldova (38%) y Líbano (24%). Si las

remesas disminuyen drásticamente, esos países comenzarán a padecer.

Incluso en economías mayores, como India y China, las remesas proporcionan fuertes flujos de capital. El Banco Mundial calcula que India obtuvo 30 mil mdd de su diáspora en 2008, y China 27 mil.

Filipinas tiene 8 millones de personas en el extranjero: sus remesas representan alrededor de una décima parte de la producción doméstica total. En los 10 primeros meses de 2008 el país recibió casi 14 mil mdd de sus emigrantes, mucho más que el año anterior. Pero 2009 parece menos atractivo: el gobierno redujo sus altas expectativas de ingresos por inmigrantes, ante el temor de que los filipinos que trabajan en tecnología de la información y finanzas, en especial, pierdan empleos.

En ciertas partes las cosas han empeorado ya. En noviembre Kirguizistán lamentó que las remesas (sobre todo de inmigrantes en Rusia) estuvieran cayendo. Rastrear esos flujos es difícil, pero un cálculo del banco central de Kenia –donde el dinero de los migrantes es la fuente más importante de divisas, por encima del turismo– informó una baja repentina el año pasado, sobre todo de los kenianos en EU.

Se creía que durante una crisis económica las remesas serían más resistentes que la ayuda y los flujos de inversión, quizá porque los remitentes tienen lazos personales con los receptores. Pero el Banco Mundial opina que algunos países pobres deben esperar una “disminución rotunda” de esos fondos. Los flujos a África, que antes eran prósperos, se estancaron el año pasado; los flujos a países de América Latina se desplomaron. En noviembre, Supachai Panitchpakdi, secretario general de la Conferencia de Naciones Unidas para Comercio y Desarrollo, predijo que, en 2009, las remesas a los países pobres se reducirían en 6%, pero podría ser peor.

Un segundo motivo de preocupación es que las zonas de poblaciones jóvenes y en expansión suelen ser exportadoras de mano de obra excedente. Marruecos envía jóvenes a Europa; los países de Asia central, a Rusia; Pakistán y otros países de Asia del sur los remiten a trabajar en el Golfo. Si esos países no pueden exportar más personas, tendrán en cambio que absorber millones, algo difícil de hacer en tiempos de crisis general. El riesgo de agitación social y política puede crecer.

Fonte:

<http://www.jornada.unam.mx/2009/01/27/index.php?section=economist&article=022n1eiu> - 27.01.2009

Los migrantes traen soluciones

La migración es uno de los agentes más influyentes en las economías nacionales porque aporta dinamismo, eficiencia y desarrollo. En medio de la crisis global, una política de restricción al trabajo extranjero es casi una forma de suicidio. Por: Eugenio Ambrosi.

Ante un mundo que se encuentra frente a una crisis financiera de gran magnitud, es importante cambiar el paradigma con que se suele ver a los migrantes y corroborar que ellos pueden ser más parte de la solución que la causa de conflictos.

Este nuevo contexto impone analizar lo que sucede con los movimientos migratorios, y esto es así porque existe una idea errónea que postula que, ante una crisis, los migrantes quitan los escasos puestos de empleo a los trabajadores locales, o compiten por los beneficios y servicios sociales. Es una falsa percepción, de la que en muchos casos no sólo se hacen eco los ciudadanos, sino también los gobiernos.

La migración es uno de los agentes más influyentes de la economía porque es un factor que le aporta dinamismo, eficiencia y ayuda para su desarrollo. Por lo tanto, del escenario actual de crisis no se saldrá restringiendo o bloqueando estos grandes movimientos humanos.

En los últimos años se han producido importantes cambios tanto en el flujo como en la composición de las migraciones laborales en todo el planeta. La movilidad humana ha adquirido una dimensión global sin precedentes, registrándose desde 1965 un incremento de dos veces y medio, siendo en 2005 más de 190 millones los migrantes internacionales. Hoy las migraciones, tanto internas como transfronterizas, están mucho más orientadas a desplazamientos temporarios, y la diferencia entre países de origen y de destino son cada vez más difusas. A su vez, la presencia femenina es cada vez más importante, siendo hoy casi la mitad de los migrantes si se la compara con los niveles de comienzos del siglo XXI. Los desequilibrios también se dan en el plano demográfico, donde muchas naciones desarrolladas cada vez poseen una población más anciana y por lo tanto más necesitada de mano de obra joven que cubra las necesidades laborales. El

año pasado ya se registró un crecimiento del 21% de personas que llegaron a los 60 años en los países desarrollados, y para el 2050 ésta aumentará al 32%, pasando a haber el doble de ancianos que de niños en los países industrializados. De no haber una política abierta que permita una bocanada de aire joven, muchos países de Europa dejarán de tener trabajadores. En este caso, una política de restricción laboral extranjera es casi un acto de suicidio nacional.

Asimismo, si bien es cierto que la tecnificación cada vez hace más prescindible la presencia humana, muy difícilmente la máquina pueda reemplazar a la enfermera, al mecánico o al conserje de un hotel, o hacer el trabajo no calificado que muchos se niegan a realizar por considerarlos poco dignos.

A su vez los trabajadores migrantes en muchos casos son un factor crucial para los mismos países de procedencia, registrándose en el 2007 un movimiento de casi 337 mil millones de dólares en remesas (casi un incremento del 99% en cinco años) de los cuales 251 fueron a países en vías de desarrollo.

Para algunos continentes este dinero es incluso mucho más importante que la ayuda internacional que reciben: en 2005, para Sudamérica las

remesas fueron 8,4 veces mayores, el promedio más alto del mundo.

La actual dinámica de la economía global y la actual crisis que la afecta necesitan de la movilidad humana para equilibrar las disparidades salariales, los desequilibrios demográficos y las discrepancias de los mercados laborales. Tras varias décadas de un acelerado y creciente proceso de globalización sin precedentes en la historia, es momento de que la flexibilización en materia de circulación de mercancías, capitales y servicios también llegue al desplazamiento de los seres humanos y familias que buscan mejorar sus ingresos y sus niveles de vida.

Porque ya no hay duda que las migraciones no son un fenómeno que divide o debilita a las Naciones; al contrario, son parte constitutiva de su construcción, su dinámica y el fortalecimiento de las mismas. La Argentina bien lo sabe. Brindar nuevas posibilidades de desempeño y ampliar las oportunidades de trabajo es la única manera de contribuir a hacer de este mundo en dificultades un lugar mucho menos peligroso, mucho más justo, equitativo y seguramente más feliz.

Fonte: <http://www.clarin.com/diario/2009/03/10/opinion/o-01873882.htm> - 10.03.2009

Prossimi numeri della Rassegna MIGRAZIONI NELL'ATTUALITÀ:

- Settembre 2009 – Cultura: Integrazione/interculturalità
- Novembre 2009 – Migrazioni forzate: profughi / sfollati
- Marzo 2010 – Migrazioni e violenza

Próximos números da Resenha MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE:

- Setembro 2009 – Cultura: Integração/interculturalidade
- Novembro 2009 – Migrações forçadas: prófugos / deslocados
- Março 2010 – Migrações e violência

Next up dates our MIGRATION REVIEW:

- September 2009 – Culture: Integration/interculturality
- November 2009 – Forced Migration: Refugee
- March 2010 – Migration and violence

Próximos números de la Reseña MIGRACIONES EN LA ACTUALIDAD:

- Septiembre 2009 – Cultura: Incorporación/interculturalidad
- Noviembre 2009 – Migraciones forzadas: prófugos / desplazados
- Marzo 2010 – migración y violencia

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos:
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE